

**MEMORIAL MANO BROWN – Dr. Honoris Causa**

**UFSB**

# TÍTULO: MANO BROWN: “FI DE BAIANO<sup>1</sup>” A ÍCONE CULTURAL BRASILEIRO - UMA TRAJETÓRIA DE VIDA INSURGENTE

## RESUMO

Este memorial tem por objetivo apresentar a vida e a carreira de Mano Brown, um dos mais influentes rappers brasileiros, para sua titulação de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal Do Sul da Bahia. Serão abordados aspectos da origem de sua família, sua juventude, origem social e racial, o bairro paulistano em que cresceu, bem como o início de sua carreira na cultura Hip Hop, sua militância política e seu sucesso profissional. Através dessa análise, será possível compreender a importância de Mano Brown como um ícone, cultural e político no contexto brasileiro, com sua poesia a altura de um Castro Alves e com a crônica urbana de um Lima Barreto, ultrapassando as fronteiras geográficas e reforçando os laços de pertencimento à cultura nordestina, em especial baiana, por ele associado às suas origens familiares. Contextualiza ainda a ressignificação dada pela cultura Hip Hop às periferias e “Campos da Maioria Minorizada<sup>2</sup>” no Brasil, e no ano de 2023, onde esta cultura urbana oriunda dos Territórios Negros completa cinquenta anos de sua existência na forma atual, tendo Mano Brown como seu maior expoente brasileiro e liderança incontestável no Sul global. Justifica-se assim a outorga de Dr. *Honoris Causa* a este artista insurgente que com seu grupo de rap, Racionais MC’s, colocou os invisibilizados das bordas no centro do sistema. Com suas letras e mensagens, Mano Brown, ícone aqui elevado à potência atomizada da pluralidade, proporcionou sonhos para além do “Fim de semana no parque<sup>3</sup>”.

---

<sup>1</sup> Corruptela de “Filho de baiano”, expressão muito usada nas periferias de São Paulo com dominância de migração nordestina. Expressão encontrada na letra “Da ponte pra cá” - do álbum “Nada como um dia após o outro dia”, 2002, Racionais MCs.

<sup>2</sup> SANTOS, Richard. Maioria Minorizada - um dispositivo analítico de racialidade. Coleção Pensamento Negro Contemporâneo. Org. Richard Santos. Maria do Carmo Rebouças. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2020.

<sup>3</sup> Letra do álbum “Raio X do Brasil - Liberdade de expressão - Primeiro álbum de estúdio do grupo. Primeira música que extrapolou as fronteiras das rádios comunitárias e apresentou a crônica de Mano Brown para o grande público.

## INTRODUÇÃO

**Pedro Paulo Soares Pereira**, mais conhecido como Mano Brown, é o renomado rapper brasileiro e figura central do grupo de rap Racionais MC's. É uma voz poderosa e influente na música brasileira<sup>4</sup>. Nascido 470 anos após a invasão do Brasil em 22 de abril de 1970, na cidade de São Paulo, suas raízes familiares remontam ao Nordeste brasileiro. É fruto do êxodo populacional para os grandes centros no período de urbanização nacional, como tantos outros artistas do Hip Hop e da cultura popular brasileira, têm seus ancestrais neste fluxo norte - sul do país em busca de melhores oportunidades de sobrevivência<sup>5</sup>.

De pai desconhecido, supostamente de origem italiana, sua mãe Dona Ana Soares, já falecida<sup>6</sup>, é natural de Riachão do Jacuípe, 186 Km da capital dos baianos, onde Brown tem<sup>7</sup> tios e primos de primeiro grau. Sambadores, vendedores de farinha, artesãos e tudo o que uma grande família negra<sup>8</sup> registra em sua identidade baiana. Em conversa com Gilberto Gil em seu podcast Mano Mano, Brown, revelou que recentemente descobriu que seu avô materno é oriundo de quilombo da região do rio Roncador na Chapada Diamantina, segundo dados de registros da igreja local, teria o nome de Teodoro Roncador, homem preto versado no trabalho com borracha e couro.

---

<sup>4</sup> Mano Brown ao lado de Gilberto Gil em documentário homenagem a Milton Nascimento - <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2023/03/08/milton-nascimento-se-encontra-com-mano-brown-e-gilberto-gil-para-a-gravacao-de-documentario.ghtml> Visualizado em 14.07.2023

<sup>5</sup> É Milton Santos quem melhor descreve a conformação da urbanização brasileira, o êxodo rural, os seus períodos e a mecanização do território, ou seja: o território dividido de acordo com os interesses do capital financeiro, onde os bolsões de miséria e fronteiras entre o urbano e o rural serviriam/servem para abrigar os recém chegados, incorporados à sociedade de exploração. Neste espaço dividido é que veremos surgir as periferias e suas culturas proto-urbanas do período - Para mais, ver : SANTOS, Milton. A urbanização Brasileira. São Paulo: EDUSP, 2005.

<sup>6</sup> Em diversas oportunidades Brown aventa a possibilidade de seu pai ter sido um italiano que se relacionou com sua mãe, sem entrar em maiores detalhes. Dona Ana Soares faleceu de infarto aos 85 anos de idade , na cidade de São Paulo, na segunda-feira 19 de dezembro de 2016. Para mais - <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/12/morre-mae-de-mano-brown-inspiracao-para-letras-dos-racionais.html> Visualizado em 14.07.2023

<sup>7</sup> Ver – Hilza Cordeiro - <https://www.correio24horas.com.br/bahia/samba-de-roda-pagodao-e-churrasco-as-aventuras-de-mano-brown-no-sertao-da-bahia-1120> Visualizado em 29.06.2023

<sup>8</sup> Conforme convenção do IBGE, no Brasil, negro é quem se autodeclara preto ou pardo, pois população negra é o somatório de pretos e pardos. Para fins políticos, negra é a pessoa de ancestralidade africana, desde que assim se identifique. - <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9372-caracteristicas-etnico-raciais-da-populacao.html> Visualizado em 13.07.2023

Essas descobertas, informações sobre Pedro Paulo que darão conformidade a imagem de Mano Brown nos é importante para a compreensão de todo o processo formativo não apenas do cidadão que forjará o artista, mas, principalmente de sua rede de relações políticas, culturais e ancestrais que o farão o principal representante de uma juventude periférica racializada brasileira emergida da abertura democrática, da retomada da organização do movimento negro brasileiro em sua pluralidade e que resultará na luta por direitos cidadãos, antirracismo e insurgencia. Pensar a representação de Mano Brown, é pensar um sujeito coletivo que incide no que o sociólogo Clóvis Moura cunhou como de trajetória entre o “Bom escravo e o mau cidadão<sup>9</sup>”.

Ao denunciar suas mazelas, ao lutar “aquilombar-se” para traçar estratégias em busca de direitos, o sociólogo aponta que o negro deixa de ser aquele serviçal idealizado pelo lusotropicalismo e se torna o insurgente a ser silenciado pelas forças do Estado que buscam criar, impor, o mito da democracia racial. Clóvis Moura, na obra “O negro: do bom escravo a mau cidadão?”, afirma que a mitologia da democracia racial é um mecanismo de barragem ideológica do negro brasileiro, que impede o enfrentamento ao preconceito e escamoteia a concreta situação racial e racista no Brasil. Na perspectiva de Moura, isso seria um complemento ao instrumental do branqueamento progressivo populacional via miscigenação, efetivado pelas classes dominantes que não desejam que a Maioria Minorizada alcancem os mesmos direitos na sociedade de classes pós abolição. Fruto desses debates, dessas vivências e experimentações que levaram a abertura democrática, e a Carta magna de 1988 que teremos na ascensão do grupo Racionais MC's em 1989 e nas crônicas de seu principal letrista, o Mano Brown, a representação de toda uma cena cultural germinando nos territórios negros brasileiros via canto falado. Sejam os blocos afros da Bahia, as Vitrolas do Maranhão, as Guitarradas do Sul e a cena 'Black' de Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Belo Horizonte, a Embolado do Alto do Zé do Pinho no Recife, uma nova juventude insurgente surgia com os ventos da redemocratização brasileira.

## INFLUÊNCIAS CULTURAIS

O rap brasileiro é aquele que fala da realidade brasileira, cantado em português, pros brasileiros verdadeiros, que somos nós, moradores dos morros, favelas! Somos brasileiros, respiramos o Brasil, bebemos da água do Brasil, nascemos aqui e eu acho que a gente pode usar a música do mundo inteiro e ainda continuar fazendo rap brasileiro! (Mano Brown<sup>10</sup>)

---

<sup>9</sup> MOURA, Clóvis. *O negro: de bom escravo a mal cidadão*. São Paulo: Editora Conquista.1977.

<sup>10</sup>Trecho de manifestação do Mano Brown sobre as influencias estrangeiras no rap brasileiro. Entrevista realizada pelo principal historiador do Hip Hop brasileiro, Sérgio Leal, popularmente conhecido como DJ TR para seu livro

As influências culturais nordestinas parecem ter sido fundamentais na formação artística e musical de Mano Brown. A região nordeste do Brasil é rica em tradições musicais e culturais, como os variados tipos de Samba, Forró, o Frevo, o Maracatu e o Baião, além das religiosidades de matrizes africanas e suas sincretizações com os povos originários. Religião originalmente praticada por sua mãe, que Brown em diversos momentos já explicitou<sup>11</sup> em entrevistas e em seu Podcast “Mano a Mano”.

Essas culturas enraizadas na história e nas lutas do povo nordestino, permeiam a infância de Mano Brown e tiveram um impacto significativo em sua abordagem musical. É possível considerar o caminho artístico trilhado por Pedro Paulo, ou melhor, Mano Brown, regado a influências das ladinhas, pontos religiosos, emboladas e repentes. Ainda que com o processo de urbanização do Capão Redondo e de “modernização” das regiões que abrigavam a fronteira entre o urbano e o rural isso vá se apagando da realidade objetiva.

É também Clóvis Moura<sup>12</sup> nosso intérprete para esse “apagamento”: “O branqueamento como ideologia das elites de poder vai se refletir no comportamento de grande parte do segmento dominado que começa a fugir das suas matrizes étnicas para mascarar-se com os valores criados a fim de discriminá-lo”. É deste prisma que podemos afirmar que o nascimento da cultura Hip Hop, completando 50 anos neste 2023, e mais explicitamente este elemento político da cultura Hip Hop que é a música rap de grupos como Racionais, Thaíde e DJ Hum, DMN e no Rio de Janeiro os grupos da Associação Hip Hop Atitude Consciente, (ATCON), fez reverberar para o Brasil um novo momento para a juventude negra. Como notava na virada do Século o antropólogo soteropolitano Osmundo Pinho<sup>13</sup>, atualmente docente da UFRB, sobre os reflexos da música rap e sua política no sistema das culturas globais e na Bahia, “[...] O centro da economia capitalista define-se atualmente, portanto, como policentros de administração de informação e comunicação, que são o coração de um novo e pujante processo de colonização do imaginário coletivo mundial”[...]. E segue contextualizando a relação do

---

referência no tema - LEAL, Sérgio José de machado (DJ TR)- Acorda hip-hop! : despertando um movimento em transformação. - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.(citação na pg 239).

<sup>11</sup><https://culturapreta.com/2022/06/10/mano-brown-aborda-religioes-de-matriz-africana-com-mae-carmem-de-oxum-e-ebomi-cici-no-original-spotify-mano-a-mano/> Visualizado em 13.07.2023

<sup>12</sup> MOURA, Clóvis.(p.99) Sociologia do negro brasileiro. 2 edição. São Paulo: Perspectiva, 2019, ( Palavras negras).

<sup>13</sup> PINHO, Osmundo de Araújo. “Voz ativa”: rap – notas para leitura...Sociedade e Cultura, v. 4, n. 2, jul./dez. 2001, p. 67-92.

apagamento histórico das identidades negras com o ressurgimento de uma nova força motriz através da música rap conectando as juventudes negras periféricas no mundo afro diaspórico:

O lugar de onde falam os Racionais é fruto dessas contradições e está em relação de analogia a todos os discursos de contestação que germinam no interior do capitalismo multinacional. O que não quer dizer, absolutamente, que o discurso está comprometido automaticamente com os pressupostos que o orientam, mas que, inversamente, vive nessas suas contradições. É preciso considerar, assim, também o papel preponderante que a música negra em suas diversas formas têm exercido na constituição de discursividades e identidades afrodescendentes da Diáspora. Essas formas compõem um repertório francamente translocal, alimentado pela retórica de rememoração/exiação das amarguras da escravidão e pela exaltação utópico-milenarista de africanidade.( Osmundo Pinho<sup>14</sup>).

Estas influências estão diretamente ligadas às raízes da cultura Hip Hop e seu elemento o Rap, Ritmo e Poesia, disseminado historicamente pelo continente americano pelos povos do canto falado<sup>15</sup>, e reforçado na era da conectividade digital desta “terceira diáspora” onde Mano Brown<sup>16</sup> é um ícone transfronteiriço nascido no Brasil.

## TERCEIRA DIÁSPORA

Para compreendermos o termo cunhado pela antropóloga baiana Goli Guerreiro, e o lugar de nosso homenageado neste local , é preciso nos conectar com a produção cultural dos portos da diáspora negra, o que Mano Brown tem feito também em seu Podcast e servido de ponte para os mais variados criadores e pensadores deste mundo atlântico. É compreender que na era do “Brutalismo<sup>17</sup>”, estes povos não brancos não param de se reinventar.

---

<sup>14</sup> IBIDEM.

<sup>15</sup> É vasta a produção de dados sobre os povos africanos em situação de escravização trazidos para o Brasil e que influenciaram e influenciam com elementos culturais ainda hoje o que conhecemos como cultura brasileira. Deste modo, podemos observar que da Embolada, Bumba meu Boi, Repente, ao Funk carioca e o Rap, existe uma conexão interatlântica que a atropóloga baiana Goli Guerreiro cunhará como “Terceira diáspora”, o afrobritânico Paul Gilroy inserirá no que ele classifica como as “culturas viajantes” do “Atlântico negro”.

\*O livro de Goli Guerreiro - Terceira diáspora: culturas negras no mundo atlântico, está disponível em PDF pela própria autora em : <http://terceiradiaspora.blogspot.com/> Visualizado em 13.07.2023

\*Gilroy, Paul. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

<sup>16</sup> Para uma rápida noção do alcance de Mano Brown e seu grupo no mundo para além dos países de língua portuguesa, ver: Mano Brown conquista o mundo - <https://www.otempo.com.br/entretenimento/magazine/mano-brown-conquista-o-mundo-1.281691> Visualizado em 17.07.2023.

<sup>17</sup> Em seu mais recente livro lançado no Brasil, o politólogo camaronês Achille Mbembe, descreve os caminhos da manutenção do poder colonial e ampliação desse poder através do planejado desastre ecológico planetário, a crise migratória dos países do Sul para o Norte, a inovação tecnológica reguladora das vidas

A reinvenção é a sua própria sobrevivência, reação à estagnação, ao uso abusivo de seus corpos explorados. O que propõe a antropóloga soteropolitana, é que depois de uma primeira diáspora com os deslocamentos históricos do tráfico negreiro e o retorno de ex-escravos para a África, uma segunda diáspora se deu pela via dos deslocamentos voluntários, como a migração de jamaicanos para Londres; de cubanos para New York; de beninenses para Paris; de cabo verdianos para NY; de angolanos para o Brasil, etc.

A terceira diáspora é o deslocamento de signos provocado pelo circuito de informação tecnológico/virtual tais como discos, filmes, cabelos, slogans, gestos, modas, bandeiras, ritmos, ícones, ideologias,etc. É um movimento que investe no circuito de comunicação da diáspora negra que se tornou possível com a globalização eletrônica e se potencializou através da Web colocando em conexão virtual os repertórios culturais de cidades como Salvador, Kingston, São Paulo, Havana, New York, New Orleans, Londres, Lisboa, Dakar, Luanda, Joanesburgo, etc.

## SUBJETIVIDADES CULTURAIS

O hip hop como manifestação de cultura de rua saiu, nos primórdios dos anos 70, dos guetos nova-iorquinos para o mundo. Seus quatro elementos (Grafite, Break, MC, DJ), tinham como proposta renovadora unir entretenimento a uma força de expressão tipicamente urbana e à margem das expressões convencionais da época. [...] A diversidade étnica foi usada por seus mentores para educar e apresentar uma nova ordem: a ordem do pensamento periférico, que ajudou a diminuir a violência entre as gangues da maior cidade do EUA, Nova York. Esse foi o primeiro grande feito do hip hop e, por isso, ele se estabeleceu antes mesmo de ser inserido na indústria cultural. ( Marcelo Yuka<sup>18</sup>).

É Marcelo Yuka, outro artista insurgente, pensador e criador do grupo O Rappa que descreve os primórdios do Hip Hop para um livro seminal sobre o tema no Brasil, é o início de

---

humanas através dos algoritmos e metaverso, que aliados a renovação do pensamento hegemônico colonialista ocidental são sintomas da crescente redução da vida à matéria bruta, carbonizada em favor do capital e perpetuação do poder colonial.MBEMBE, Achille. Brutalismo. Tradução Sebastião Salgado. São Paulo: 1ª edição; N1 Edições, 2021, 256p.

<sup>18</sup> Marcelo Yuka, nome artístico de Marcelo Fontes do Nascimento Viana de Santa Ana (Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1965 — Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 2019), foi um músico, poeta, compositor, ativista, político e palestrante brasileiro. Foi um dos fundadores da banda O Rappa e, posteriormente, do grupo F.UR.T.O.

Notabilizou-se como compositor da maioria das canções do Rappa no período em que esteve na banda, com letras carregadas de intenso teor social e crítico. Nos seus últimos dias foi líder de uma ONG, de nome homônimo à sua última banda; através desta ONG, lutou por maior realização de pesquisas com células-tronco.Prefácio de - LEAL, Sérgio José de machado (DJ TR)- Acorda hip-hop! : despertando um movimento em transformação. - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

uma trilha objetiva e subjetiva associada a história do Hip Hop brasileiro, constituído no artista popular nascido em bairro de maioria negra nordestina na periferia de São Paulo, de matriarca nordestina, e inicialmente relacionada às religiões de terreiro, é que se coaduna com Julia Pinheiro Andrade<sup>19</sup> (2010, p26 – *apud. ALVES<sup>20</sup>, 2013*) quando afirma que –

*“A canção no Brasil se tornou, ao mesmo tempo, o mais cotidiano dos objetos de consumo artístico-cultural de massa e uma forma estética expressiva, forte e autônoma de elaboração cultural [...] da vida cotidiana reitera sofrimentos, alegrias, malandragens, safadezas; presentifica o imaginário da festa; repensa o destino e expõe contradições sociais. Embora manifestação complexa, sua base é uma só: a elaboração de pulsões dos ritmos e linguagens [...] A decodificação específica de sua linguagem híbrida, composta pelas dimensões da letra, da melodia, da harmonia, do arranjo e da performance, permitiu à canção conectar subjetividades individuais e coletivas, bem como assumir rápida e facilmente uma dimensão social”.*

É ainda a autora que discute a relação estética e linguística entre o rap e o repente, que vai demonstrar os valores transmitidos pelos sujeitos que se expressam nesses discursos estéticos. Observando a pluralidade que compõe a cultura popular brasileira, investiga os elementos enunciativos constituintes do rap e do repente, gêneros discursivos ligados a expressões artísticas veiculadas em contextos particulares, mas propondo um diálogo a partir de suas relações discursivas e sociais dentro de uma dada situação de produção, para traçar a relação de origem umbilical de cada um. Ela diz: “*Nosso objetivo foi refletir sobre o discurso que constitui as canções de Rap e Repente, bem como o diálogo que há entre esses gêneros cancioneiros, considerando sua linguagem que, no Brasil, apresenta certa influência e representação social*”.

Além da música, a cultura nordestina também é marcada por uma forte identidade de resistência. O nordestino negro, principalmente, é conhecido por sua resiliência diante das adversidades, e essa mentalidade de luta e superação certamente influenciou Mano Brown, o “pardim” do grupo, que em suas letras e em sua postura diante das questões sociais. Principalmente pelo fato de que seu bairro de origem em São Paulo, está localizado numa

---

<sup>19</sup> ANDRADE, J. P. Cidade cantada: educação e experiência estética. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

<sup>20</sup> Ver - Alves, Camila Cristina de Oliveira - Diálogos entre rap e repente: heterogeneidade discursiva e representação da subjetividade na canção / Camila Cristina de Oliveira Alves – 2013

110 f. ; 30 cm. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Orientador: Marina Célia Mendonça

região conhecida pela grande concentração de população nordestina, levando o genérico nome de Região de Santo Amaro.

É possível afirmar que o jovem Pedro Paulo foi alimentado pela cultura familiar e também pelo que viveu e aprendeu nas ruas de São Paulo, na escola onde cursou até a oitava série do antigo primeiro grau, e com a vizinhança que formava o bairro do Capão Redondo, onde conheceu Ice Blue, outro membro do Racionais MC's, que depois se juntariam a KLJAY e Edi Rock. Mas quais são estas ruas originais, que Capão Redondo é este que abriga no âmbito da região de Santo Amaro no final dos anos 1960 uma miscelânea de culturas, experiências, religiosidades e sobrevivências?

Brown nos dá uma pista neste trecho da música “Cores e valores” do álbum de mesmo nome lançado em 2014 pela gravadora própria do grupo Racionais.

Nuvens e ovelhas negras desde sempre acompanham-me  
Na fase negra bem, era nós também sim  
Na linha pontilhada vou indo, indo, indo  
Na terra cujo herói matou um milhão de índios  
[...]  
Pelas marginais os pretos agem como rei  
Se não gostar de nós, tanto faz, tanto fez  
Me degradar pra agradar vocês? Nunca!

O tempo, a distância dos fatos e a transformação de classe proporcionam novas reflexões, apresentam novas soluções e amadurecimento. Se apresentamos a dúvida sobre as influências do Capão Redondo na estruturação humana de nosso homenageado, é em entrevista para os jornalistas negros Djalma Dias e Fran Oliveira no ano de 2003 que ele afirmará<sup>21</sup> que é fruto das durezas objetivas, da violência e vivências da Zona Sul de São Paulo, que a música “Jesus Chorou” apresentada no álbum “Nada como um dia após o outro dia” foi construída como um desenho do que as pessoas pensam a respeito dele. De suas vivências e experiências.

---

<sup>21</sup> Ver anexo - Papo direto e reto. texto Fran oliveira e Djalma Campos. Revista Square, 2003

## A TODA COMUNIDADE POBRE DA ZONA SUL<sup>22</sup> – SEJA BEM-VINDO!

Na virada do século XX para o XXI, a nova cultura da periferia se impõe como um dos movimentos culturais de ponta no país, com feição própria, uma indisfarçável dicção proativa e, claro, projeto de transformação social. Esses são apenas alguns dos traços inovadores nas práticas que atualmente se desdobram no panorama da cultura popular brasileira, uma das vertentes mais fortes de nossa tradição cultural [...].(Heloisa Buarque de Hollanda<sup>23</sup>)

O bairro de origem de nosso titulado, o Capão Redondo, localizado na zona sul da cidade de São Paulo, é um bairro rico de ampla diversidade cultural, e abriga uma população diversificada, composta por diferentes origens étnicas e sociais. Neste século XXI, também com o sucesso das narrativas de Mano Brown e sua trupe, um significativo polo cultural.

É um bairro oriundo do que anteriormente foi a cidade de Santo Amaro<sup>24</sup> (1832 -1935), posteriormente anexada a cidade de São Paulo, sua grande população nordestina trabalhadora na área de serviços, fixou-se ali, também, por ter sido a cidade de Santo Amaro a primeira colônia estrangeira no Brasil, com o assentamento de colonos alemães na região no Século XIX.

A região recebeu um grande influxo de migrantes durante o processo de industrialização da cidade de São Paulo, nas décadas de 1950 e 1960. As origens da população do Capão Redondo são variadas. Inicialmente, muitos migrantes vieram de outras regiões do Brasil em busca de trabalho nas indústrias da cidade. Entre eles, é possível encontrar pessoas provenientes principalmente das regiões Nordeste e Sul do país. Muitos nordestinos se estabeleceram no Capão Redondo em busca de melhores oportunidades de emprego e condições de vida.

Ademais, o bairro também abriga uma população negra significativa, resultado do processo histórico de migração e da escravidão no Brasil. Os afrodescendentes contribuíram para a formação da identidade cultural e social do Capão Redondo. Com o passar dos anos, o bairro se expandiu e recebeu um fluxo constante de pessoas em busca de moradia e trabalho. Essa diversidade étnica e social contribuiu para a formação de uma comunidade rica em cultura

---

<sup>22</sup> Trecho da letra de “Fim de semana no parque” - Álbum Raio X Brasil o primeiro de estúdio do grupo brasileiro de rap Racionais MC's, lançado pelo selo da gravadora Zimbabwe Records em 21 de dezembro de 1993

<sup>23</sup> HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA nasceu em Ribeirão Preto (SP), em 1939. É escritora e professora de teoria crítica da cultura na UFRJ, onde coordena o Programa Avançado de Cultura Contemporânea, o projeto Universidade das Quebradas e o Fórum Mulher e Universidade. No trecho citado ela faz a apresentação da obra Traficando Conhecimento de Jéssica Balbino sobre o Hip Hop em Poços de Caldas, MG. Ver: BALBINO, Jéssica. Traficando conhecimento. - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.

<sup>24</sup> Para mais, ver  
[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas\\_bairro/bibliotecas\\_m\\_z/prefeitura/index.php?p=3867#:~:text=Em%20Santo%20Amaro%20foi%20fundada.de%20colonos%20alem%C3%A3es%20naquela%20regi%C3%A3o.](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/prefeitura/index.php?p=3867#:~:text=Em%20Santo%20Amaro%20foi%20fundada.de%20colonos%20alem%C3%A3es%20naquela%20regi%C3%A3o.) 14.07.2023

e experiências diversas. A população do Capão Redondo é dinâmica e está em constante transformação, refletindo os fluxos migratórios e as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo.

Se na língua tupi, dos povos originários que habitavam o local, Capão significa - ‘uma porção de mato isolada no meio do campo’, é certo dizer que a ascensão de Mano Brown e seus camaradas do Racionais MC’s serviram para inserir o Capão redondo no mapa, visibilizar a situação dos moradores da Zona Sul paulistana, como bem traduzido na música “Fim de Semana do Parque”, e dar um tenebroso colorido revoltante às tragédias e massacres diários acontecidos na região. Especificamente àquelas pessoas negras, pobres e nordestinas que ocupavam um “não lugar” na rica e industrializada sociedade paulistana “motor do Brasil”, com suas letras ácidas, reportando a realidade do gueto, Mano Brown visibilizou as estatísticas que os governos da vez politicamente escondiam, estatísticas estas que pouco diferiam da realidade da população nordestina em sua terra de origem, senão, vejamos.

O Capão Redondo faz parte da subprefeitura do Campo Limpo<sup>25</sup> Junto com os distritos de Campo Limpo e Vila Andrade está localizado a cerca de 16 km do centro de São Paulo. É composto por 62 bairros e possui uma população com 296.378 habitantes. Deixando suas características rurais para trás, a região se destaca atualmente pelo seu grau de ocupação do território e a quantidade de habitantes. Para caracterizar um pouco mais a população do distrito, é possível observar que o distrito é superpopuloso.

Ao analisarmos a distribuição da população pela faixa etária, percebemos que a população do distrito é jovem, cerca de 54% têm entre 0 a 34 anos. Um ponto a ser destacado é a proporção de idosos no distrito, cuja proporção é menor que 12%. Já a idade média da população ao morrer, varia entre 60-65 anos.

A pesquisa citada nos dois parágrafos anteriores nos mostram um Capão redondo onde até a década de 1990, quando Mano Brown inicia seu destaque no cenário nacional como um dos principais letristas do rap brasileiro, sendo um dos bairros mais violentos de São Paulo.

---

<sup>25</sup> Os próximos dois parágrafos têm base na pesquisa ESTUDO FÍSICO URBANÍSTICO

DISTRITO DO CAPÃO REDONDO. GIOVANNA LIA; JAYNE SILVESTRE; JOANA RODRIGUES. USP. Link - [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5447797/mod\\_resource/content/1/Grupo%205.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5447797/mod_resource/content/1/Grupo%205.pdf) Acesso em 29.06.2023

“Junto com a região do Jardim São Luís e Jardim Ângela formavam o ‘triângulo da morte’, esse último em 1995 foi considerado o mais violento do mundo pela ONU<sup>26</sup>.

Cenário fértil para que o rapper buscasse sua “Fórmula Mágica da paz<sup>27</sup>” – dizia ele: “Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui - Mas, aí, minha área é tudo o que eu tenho- A minha vida é aqui e eu não preciso sair - É muito fácil fugir mas eu não vou - Não vou trair quem eu fui, quem eu sou - Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim, ensinamento da favela foi muito bom pra mim - Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei, cada lei uma razão e eu - Sempre respeitei - Qualquer Jurisdição, qualquer área, Jd. Santo Eduardo, Grajaú, Missionária, Funchal, Pedreira e tal, Joaniza -Eu tento adivinhar o que você mais precisa<sup>28</sup>...”

Além de não ter fugido dali, Mano Brown, preocupado com a preservação da história de sua comunidade, seu território de origem e a formação cultural do local, idealizou e produziu um documentário<sup>29</sup> com a história do Capão Redondo, sua geografia humana e formação social.

Apresentado um breve panorama das raízes de Mano Brown, é justo seguirmos para seu trabalho artístico e social em si, posicionamentos políticos e reflexões que o levaram de liderança do grupo Racionais MC's a um dos artistas mais influentes do cenário cultural brasileiro. Brown é conhecido de com pouco dizer muito, ilustrativa é o vaticínio no final da campanha presidencial de 2018 que deu vitória a Jair Bolsonaro quando a esquerda festiva se amontoava no Rio de Janeiro sob a sombra dos Arcos da Lapa – Assim registrou o Jornal Folha de São Paulo à época:

“O rapper Mano Brown quebrou o clima festivo do comício de Fernando Haddad na noite desta terça (23). Em discurso de pouco mais de três minutos, ele disse achar que a eleição já estava decidida e disse que se o PT “não conseguiu falar a língua do povo, tem que perder mesmo”. Diante de Fernando Haddad ele criticou a falha de comunicação da campanha<sup>30</sup> -.

---

<sup>26</sup> IBIDEM.

<sup>27</sup> Aqui faço alusão a faixa do álbum “Sobrevivendo no inferno”, segundo álbum de estúdio do Racionais. É considerado um dos mais importantes da música brasileira. No ano de 2020 foi introduzido como leitura obrigatória no vestibular da UNICAMP. Ver - <https://www.politize.com.br/sobrevivendo-no-inferno/> Visualizado em 13.07.2023

<sup>28</sup> Letra – Fórmula Mágica da Paz – Artista Racionais MC's – Álbum –Sobrevivendo no Inferno, ano 1997.

<sup>29</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CtSqr9yu1QE> Visualizado em 14.07.2023

<sup>30</sup> Matéria de Sérgio Rangel e Lucas Vettorazzo - <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/em-comicio-no-rio-mano-brown-critica-pt-e-e-defendido-por-chico-e->

Se neste momento chamou atenção do grande público a pontuação feita pelo rapper sobre a candidatura presidencial da vez, não foi surpresa para aqueles que acompanham seus escritos através das músicas cantadas pelo Racionais MC's, as pessoas membros da cultura Hip Hop o seu posicionamento. Algo inerente às pessoas que fazem parte da construção do movimento em sua raiz<sup>31</sup>.

### **APOIADO POR MAIS DE 50 MIL MANOS<sup>32</sup>**

Conheci a cultura hip-hop em 1998 e tudo aconteceu de forma involuntária. Na época eu trabalhava em uma lanchonete no Terminal Marítimo de Salvador e no horário do almoço costumava assistir a MTV. Num belo dia, liguei a televisão que era em preto e branco e me deparei com o clipe que mudou a minha vida, 'Diário de um detento', dos Racionais Mc's. Aquela música chamou a minha atenção, comecei a pesquisar e descobrir que era música Rap e daí me apaixonei de vez. ( DJ Branco<sup>33</sup>)

No ano de 1997, ao lançar seu segundo álbum de estúdio, Sobrevivendo no Inferno, que atingiu a impressionante marca de um milhão e quinhentas mil cópias vendidas oficialmente, batendo recorde para um disco de rap, e significativo sucesso no âmbito das vendagens da música popular brasileira, Mano Brown e seu grupo inseriam os primeiros trechos bíblicos em suas letras, é possível observar, que também à partir desta produção se consolidava o ícone cultural de imagem singular atribuída a ele. Desde este período, é comum encontrarmos em entrevistas e depoimentos de outras personalidades ativistas a menção ao grupo e as crônicas de Mano Brown como uma chave de transformação pessoal. A esta percepção relacionada ao artista, e não ao seu grupo e a proporção que isso tomou, podemos seguir por uma análise semiótica de compreensão. Justifica o que DJ Branco nos informa na epígrafe deste trecho do memorial acima.

---

[caetano.shtml#:~:text=O%20rapper%20Mano%20Brown%20quebrou,%2C%20tem%20que%20perder%20mesmo%22](#). Visualizado em 05/07/2023.

<sup>31</sup> Das pessoas que fizeram parte da primeira geração do Hip Hop brasileiro, nos mais variados rincões do país, tanto como nas suas capitais, encontraremos neste ano de 2023, Deputados/as, Vereadores/as, Secretários/as de Estado, empresários, religiosos e acadêmicos como este Pró Reitor escrevinhador.

<sup>32</sup> Trecho extraído da letra "Capítulo 4, Versículo 3- Álbum Sobrevivendo no Inferno, 1997.

<sup>33</sup> DJ Branco é um dos mais conhecidos artistas e ativistas do Hip Hop Baiano, Coordenador da Casa do Hip Hop no Pelourinho, organizou os encontros anuais de Hip Hop por região na Bahia. Apresenta o programa Evolução Hip-Hop, na Rádio Educadora FM, considerado uma referência na Bahia e no Brasil. <https://www.blogdomarciojesley.com.br/2021/03/dj-branco-depende-so-da-gestao-publica.html> Visualizado em 14.07.2023

Coaduna conosco a afirmação de Gilberto Gil<sup>34</sup> : “Você é um indivíduo hoje no Brasil que fala amplamente para setores muito amplos e abrangentes da população. A pelo menos uns dez, quinze anos você vem se tornando um interlocutor qualificado, gabaritado”[...]

Confirma esta interlocução o convite feito por Almir Guineto, um dos mais destacados compositores da música popular brasileira de sua geração, conhecido por levar ao samba críticas sociais, para que Mano Brown participasse da gravação da música “Mãos”, do álbum “Todos os pagodes”, no ano de 2001. Desta participação extraímos trecho de Brown:

Mãos pobres querem ter o que é bom  
Mãos nordestinas me ensinou  
Que mãos para trás, neguinho, não senhor  
As mãos de tyson, ódio, nocautê  
As mãos do mal também usam esmalte  
Mãos que apontam, mãos que delatam  
Toda mão tem, mãos trêmulas matam  
Mãos na cabeça o mão branca armou  
Algemas prende a mão de um sonhador

Destarte é possível pensarmos Mano Brown como ícone imagético que gera percepções díspares de si e daqueles assemelhados a si culturalmente. É refletir que a construção e a comunicação de conhecimentos são habilidades que requerem um domínio da linguagem verbal. No entanto, antes mesmo da formação de conceitos teórico-culturais a partir da linguagem, a imagem desempenha um papel fundamental.

As primeiras formas de escrita que conhecemos são ideográficas, o que evidencia o poder da imagem na percepção e comunicação humana. Isso nos leva a refletir sobre a linguagem articulada, que, a partir dos gregos, se tornou o principal veículo de pensamento, mas não é a única forma de construção de significados, uma vez que inicialmente requer a existência de movimento.

Ao considerarmos brevemente algumas etapas importantes no desenvolvimento da espécie humana, podemos lembrar do papel significativo que os deslocamentos físicos entre

---

<sup>34</sup> Gilberto Gil em conversa com Mano Brown no Podcast Mano a Mano, edição de 13.07.2023.

espaços geográficos distintos e movimentos corporais tiveram nas transformações que levaram ao surgimento do Homo sapiens sapiens.

Portanto, é possível afirmar que o movimento é um elemento essencial para a percepção, ocupando um lugar central na forma como percebemos e concebemos o mundo. Isso nos motiva a considerar que nossa experiência se forma com base na relação entre a plasticidade e a semântica.

Se a linguagem articulada fundamenta a compreensão do mundo, há também algo além da linguagem.

Assim, há algo no movimento que, em determinadas circunstâncias, pode "insinuar-se" à percepção, capturando essa essência por meio do operador da semelhança. Esse operador, por sua vez, se estabelece com base em uma certa ordem que precede a imagem e se fundamenta na linguagem articulada, em uma "gramática" ou semântica, já que o pensamento é marcado por palavras. No entanto, pode-se dizer que sentimos as substâncias e os fenômenos e, em seguida, correlacionamos essa sensação, esse sentimento com as palavras.

Assim, o fenômeno da percepção também sugere um poder de seleção e se apresenta como o local em que os elementos de sentido são apreendidos por meio de nossos enquadramentos. Não há percepção sem movimento, assim como não há uma relação natural entre os signos e os objetos. A percepção é gerada a partir da experiência, que é formada pela plasticidade e pela semântica, e dentro dessa experiência, o ser humano é capaz de ver um mundo que só adquire uma dignidade ontológica quando passa a ter significado para esse indivíduo, quando finalmente se constitui como um mundo fenomênico.

O mundo fenomênico, portanto, representa o mundo ordenado pela busca da dignidade ontológica, uma vez que existir implica estar inserido em uma ordem. Pode-se dizer que existe um mundo independente dessa ordem, que é capturado por meio da percepção, e dentro dos limites da nossa capacidade de perceber, nossos sentidos são estabelecidos. No entanto, a experiência perceptiva não é apenas uma recepção passiva do mundo, mas sim uma construção do mundo por meio da atribuição de significados, que envolve a ordenação, a lógica e o modo de construção plástica.

A partir dessa perspectiva, surge a indicação de que, além da linguagem articulada, existem outras substâncias que atuam na construção de significados. Há diversos níveis de articulação e não apenas aquele que ocorre na relação arbitrária dos signos e na linearidade do

significante. Assim teremos a base para a compreensão do iconismo, a identificação do ícone com destaque emergindo na frente da percepção.

Pedro Paulo Soares Pereira, desta complexa relação de classe, raça, identidade, gênero e sobrevivência deu passagem<sup>35</sup> ao que conhecemos como Mano Brown.

## Cultura de Rua

*A alma guarda. O que a mente tenta esquecer*<sup>36</sup>

Também conhecido como a “Cultura de Rua”, o Hip Hop e seu elemento a música Rap, traz como característica a verbalização das relações sociais, espalhando em desenhos, letras e corporeidade o que a “mente tenta esquecer”.

Nascida como uma expressão artística de jovens afetados por uma anomia social relacionada à sua origem identitária e/ou classe, a cultura Hip Hop é composta por quatro elementos estéticos que moldam sua expressão e são reconhecíveis nos grandes centros urbanos ao redor do mundo.

Desde a Jamaica, berço<sup>37</sup> de toda essa efervescência cultural, que completa cinquenta anos em 2023, a Moçambique<sup>38</sup>, existem sinais e ações ligadas ao ativismo do Hip Hop. Seja por influência da televisão global, das mídias sociais digitais, ou pelo fluxo do mercado, seja através de resíduos culturais trazidos por viajantes ocasionais ou representantes das culturas itinerantes da diáspora negra no Atlântico, conforme cunhado por Paul Gilroy, anteriormente citado. Os elementos da cultura Hip Hop estão espalhados pelo mundo.

O Grafite, com sua arte nos murais transformados, o Break, geralmente chamado de break dance, mas com vários estilos em seu repertório, o DJ, o artista e produtor que comanda

---

<sup>35</sup> Expressão muito utilizada pelos praticantes das religiões afro-indígenas ao dizer sobre a possessão de um espírito guia, orixá, inquice, sobre o médium.

<sup>36</sup> Trecho da canção Negro Drama, de Racionais MC's.

<sup>37</sup> Ainda que o Hip Hop organizado, como conhecemos hoje, tenha se estabelecido em Nova York, EUA, é da Jamaica e de seus imigrantes sua ancestralidade direta. - <https://eportfolios.macaulay.cuny.edu/luttonprojects15/music-and-art/music/hip-hop/hip-hop-%20caribbean-origins/> Visualizado em 14.07.2023.

<sup>38</sup> Para conhecer mais do Rap moçambicano <https://www.voaportugues.com/a/o-hip-hop-mo%C3%A7ambicano-%C3%A9-o-melhor-dos-palop-afirma-empres%C3%A1rio-sidney-mavie/5442212.html#:~:text=O%20hip%20hop%20em%20Mo%C3%A7ambique.%20cada%20vez%20mai%20forte.> Visualizado em 14.07.2023

as pick-ups, e o Mestre de Cerimônias, MC, conhecido como o cantor dos raps. Tudo isso é parte da prática do mainstream global.

Mesmo assim, em um contexto de globalismo, como classificado pelo sociólogo Otávio Ianni, ou de globalização perversa, como descrito por Milton Santos, como os membros dessa cultura conseguem se desvincular das atraentes seduções da indústria cultural e fazer com que o Hip Hop militante continue ativo e socialmente influente nas favelas e periferias globalizadas? As atividades e percurso de Mano Brown são uma pista para a pergunta problema.

Ademais, atenção para esses atores já existe, a indústria cultural perpassa toda a cadeia de produção desta cultura outrora marginalizada. Uma pista é a afirmação do sociólogo francês Frederick Marte<sup>39</sup>l: "A guerra cultural mundial já foi declarada. À medida que novos gigantes surgem na economia mundial, como China, Índia, Brasil, mas também Indonésia, Egito, México, Rússia, sua produção de entretenimento e informação também cresce. É a emergência da cultura dos países emergentes".

A partir deste diálogo entre o Hip Hop, as raízes de Mano Brown e as relações sociais que o permeia, é possível compreender cada vez mais o discurso e a linguagem da Maioria Minorizada assumindo uma identidade distinta daquela que historicamente foi imposta pelas redes de opressão que desumanizam os seres humanos negros.

Ao desenvolvermos este memorial descritivo ao mesmo tempo justificativo para a concessão do título de Doutor *Honoris Causa* a Mano Brown, buscamos apresentar a ecologia social em que este ícone perceptivo da cultura Hip Hop está inserido, constataremos que o Hip Hop e seu ícone é fruto do processo de perfeição das bordas das cidades. Da urbanização descontrolada e mediada pelos interesses do capital, levando fluxos populacionais para o entornos de novas fábricas nos espaços mais distantes do centro, nos subúrbios industriais, com escritórios mantidos no coração central das cidades. Essa ação criou uma distância social entre os cidadãos e produziu seres humanos de primeira classe, os centrais, e os de segunda classe, os suburbanos, periféricos, etc. Estes, vitimados por relações subordinativas caracterizam-se por estarem inseridos num alto grau de distância social de seus "iguais", os brutalizados como classificados por Achille Mbembe páginas atrás. Daí nasce a força do contestador rap

---

<sup>39</sup> MARTEL, Frédéric. Mainstream. A Guerra global das mídias e das culturas. Trad. Clóvis Marques. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

brasileiro. “O cachorro era o melhor amigo do homem. Hoje em dia é o Iphone” (INQUÉRITO<sup>40</sup>).

Assim que veremos o espalhar de casos de ação social exitosos de membros da cultura Hip Hop e, registrados por acadêmicos em suas monografias, dissertações e teses, ou mesmo, por escritores, intelectuais orgânicos do movimento que registram sua história e ação. É como se o sistema vigente determinasse aos membros perfeizados, subalternizados, da cultura Hip Hop que eles são o Outro de que fala o filósofo argentino Enrique Dussel, mas o outro determinado por si próprio, não imposto pelo sistema.

De outro modo, na questão mercadológica o Hip Hop também está se transformando no Brasil, e não poderia ser diferente. Artistas do grafite já expõem seus trabalhos em caras e conceituadas galerias de arte, rappers coadunam ou são levados a aceitar os interesses mercadológicos para sua própria sobrevivência e a possibilidade de propagação de sua arte, já não mais tão contestatória ou enraizada como antes. Como num roteiro clássico da indústria cultural assimilacionista, vimos os elementos do Hip Hop perderem as características do Hip Hop e, a partir de sua estética se transmutar na cultura Pop mercadológica. Talvez, seja um caminho sem opções, como nos lembra Milton Santos (2000, p. 19), “para a maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades”. O negro e lúcido geógrafo que via no cooperativismo Hip Hop uma alternativa para amenizar o sofrimento imposto pela ditadura da globalização, enxergava esse processo como a uma situação ideológica que sustenta as ações preponderantes da atualidade e feita de peças que se alimentam mutuamente, colocando em movimento as engrenagens essenciais à continuidade do sistema capitalista e sua “aldeia global”.

Enfim, são, fábulas, contos e engodos da vida real onde precisamos saber caminhar. No que pontuamos como a dualidade do mainstream, são opções e escolhas a serem seguidas. Isso nos devolve ao primeiro álbum de Mano Brown e seu grupo, “Escolha o seu caminho”.

### **Resenha Final**

Mano Brown, nome artístico de Pedro Paulo Soares, é um rapper, compositor e líder do grupo Racionais MC's. Nascido em São Paulo, em 1970, ele cresceu na zona sul da cidade, nos bairros de Capão Redondo e Parque Santo Antônio. Sua mãe, Ana Pereira Soares, uma mulher negra baiana de Riachão do Jacuípe, foi quem o criou. Desde jovem mostrou talento musical e

---

<sup>40</sup> INQUÉRITO, Renan. Prefácio de Sérgio Vaz; Edição de Toni C. – São Paulo, 2011.

recebeu o apelido de "Brown" em uma roda de samba por tocar repique de mão e se inspirar no funk norte-americano. Aos 17 anos, ele escreveu sua primeira letra de música, intitulada "Terror da Vizinhança", embora não tenha sido gravada. Nessa época descobriu o Metrô São Bento, onde ocorriam encontros entre artistas de rap em São Paulo. Formou a dupla de rap BB Boys com seu amigo de infância, Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador). Os BB Boys chamaram a atenção do público com suas letras que descreviam a violência do cotidiano na periferia. Mano Brown se inspirou em artistas como Thaíde, um dos primeiros rappers brasileiros que ele viu cantar na televisão e que trazia críticas sociais em suas letras. Foi nesse período que Mano Brown começou a transição para um discurso mais engajado.

Mais tarde, Mano Brown e Ice Blue conheceram Edi Rock (Edivaldo Pereira Alves) e KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões), formando assim o grupo Racionais MC's por intermédio do produtor e militante do MNU Milton Sales. Mano Brown se destaca como o principal compositor e autor dos clássicos que marcaram cada fase dos Racionais MC's. Suas letras retratam a realidade da periferia paulistana, abordando temas como violência, desigualdade social e injustiça. Entre suas músicas mais conhecidas estão "Pânico na Zona Sul", "Fim de Semana no Parque", "Capítulo 4, Versículo 3", "Diário de um Detento", "Vida Loka", "Eu Sou 157", "Jesus Chorou" e muitas outras.

Além de sua carreira com os Racionais MC's, Mano Brown também atuou como produtor em outros projetos musicais, como o álbum "Provérbios 13" do grupo 509-E, lançado em 2000, e "Supernova Samba Funk" da Banda Black Rio, lançado em 2011.

Apesar de não lançar um disco com os Racionais desde 2014, quando lançaram "Cores e Valores", Mano Brown continua ativo na cena musical. Em 2009, ele criou o coletivo Big Ben Bang Johnson, formado por outros artistas de rap, como Ice Blue, Helião, Sandrão, DJ Cia, Dom Pixote e Du Bronx. O grupo se apresentou regularmente na noite paulistana, sem uma formação fixa. Desta experiência nasceu o álbum "Boogie Naipe", primeiro e único até o momento sem o Racionais. Desde agosto de 2021 apresenta o podcast Mano a Mano na plataforma Spotify, no ano de 2022 foi o terceiro podcast mais escutado da plataforma e recebeu o prêmio APCA na categoria de 'Melhor Podcast' em fevereiro de 2023.

Mano Brown hoje transcende o Hip Hop e a música rap, é reconhecido como um dos artistas mais importantes do Brasil, sendo aclamado por sua autenticidade e por representar a voz dos moradores da periferia. Suas letras detalhadas e seu estilo fluente, combinados com sua postura engajada, fizeram dele uma figura influente na música brasileira.

# **ANEXOS**

# FOLHA DE S.PAULO

★★★

---

OPINIÃO

DANIEL A. VILA-NOVA G. E PAULO RENÁ DA SILVA SANTARÉM

## Mano Brown no Supremo

Como questionar o "notório saber jurídico" a quem compôs "Diário de um Detento"?

10.abr.2023 às 15h05

Atualizado: 10.abr.2023 às 15h07

### Daniel A. Vila-Nova G.

Jurista, advogado, pesquisador e professor no IDP e na UnB; é mestre em direito, estado e constituição (UnB), doutor em ciência política (UFF) e diretor-jurídico do Instituto Beta: Internet & Democracia (Ibidem)

**Paulo Rená da Silva Santarém** (<https://www1.folha.uol.com.br/autores/paulo-rena-da-silva-santarem.shtml>)

Pesquisador, é mestre e doutorando em direito, Estado e Constituição (UnB); codiretor-executivo da ONG Aqualtune Lab: Direito, Raça e Tecnologia

Ninguém considerou ao Supremo Tribunal Federal (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/stf/>) um certo sujeito paulista nascido em 1970, premiado em 2014 com a Ordem do Mérito Cultural e companheiro há décadas de uma advogada de direitos de mulheres negras. Mas seu nome seria, talvez, o mais inovador: Pedro Paulo Soares Pereira, vulgo Mano Brown (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/mano-brown/>), vocalista do grupo de rap Racionais (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/08/entenda-como-os-racionais-fizeram-de-sobrevivendo-no-inferno-um-marco-cultural.shtml>) MC's (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/08/entenda-como-os-racionais-fizeram-de-sobrevivendo-no-inferno-um-marco-cultural.shtml>).

Lula (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/lula/>) (2) e Dilma (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/dilma-rousseff/>) (4) seguem responsáveis pela atual maioria (6) do STF. Cada

gestão indicou uma das duas mulheres. A única pessoa negra da história foi indicada por Lula. Cinco aposentadorias (Eros Grau, Cesar Peluso, Joaquim Barbosa, Ayres Britto e, em breve, Ricardo (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/04/lula-assina-aposentadoria-de-lewandowski-e-fica-liberado-para-indicar-substituto-no-stf.shtml>) Lewandowskk (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/04/lula-assina-aposentadoria-de-lewandowski-e-fica-liberado-para-indicar-substituto-no-stf.shtml>)i) e duas mortes (Menezes Direito e Teori Zavascki). Houve algum aprendizado pelo PT? A trajetória de colaboração pessoal com a chefia do Executivo é um fio seguro contra o minotauro que assombra esse labirinto?



O rapper Mano Brown, dos Racionais MC's - Divulgação

Com Jair Bolsonaro (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/jair-bolsonaro/>), a discussão se empobreceu na desinstitucionalização geral. Cabe-nos recorrer ao absurdo, não para reduzir, mas para maximizar: queremos animar o horizonte de possibilidades e pensar alternativas enriquecedoras.

Imaginar Mano Brown no STF seria, no mínimo, curioso e, no máximo, revolucionário. A grande influência social, a liderança comunitária ciente das

necessidades do povo e a dedicação de vida à disputa frontal por igualdade o qualificam. Como questionar o "notório saber jurídico" em direito penal e sobre o "estado de coisas constitucional" do nosso sistema penitenciário de quem compôs, décadas atrás, a canção "Diário de um Detento"

(<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/03/29/20-anos-de-diario-de-um-detento-as-historias-do-clipe-mais-iconico-dos-racionais.htm>)?

Crítico e astuto, profundo convededor das questões políticas, sociais e humanitárias do país, o qual costuma retratar como injusto, violento e desigual nas letras com descrições complexas de fatos problemáticos, mas em escrita acessível às pessoas leigas em direito. Ao propor respostas materiais para ajudar a população, extrapola a impressão de direitos em "folha de papel". No STF, Brown traria perspectivas valiosas, experiência de vida singular (na corte, mas cheia de pares no Brasil) e conhecimentos densos. Ajudaria a construir mais democracia, com bases inclusivas e plurais.

PUBLICIDADE



Nós defendemos a importância de indicar uma mulher negra

(<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tom-farias/2023/03/e-urgente-a-indicacao-de-uma-mulher-negra-para-o-supremo.shtml>), e Mano não se lançou ao cargo. Mas aqui elevamos o desafio de Lula, clamando por ouvidos abertos para outras vozes. Pedro Paulo, na condição de rapper, leciona que "A mudança acontece onde menos se espera, mas é lá que ela precisa acontecer". Que lições cantaria Brown no Supremo?

Realizada, a indicação poderia gerar reacionarismo de quem deprecia o Estado laico, a diversidade e a representatividade. Mas já não é essa a monocultura? Quantas abordagens excludentes não fundamentam decisões cuja atecnia jurídica ou inconsistência política se camuflam pela formação acadêmica? O radicalismo de alguém do "outro lado", mas que se assumisse, só transparecia o que costuma estar opaco.

A indicação de Pedro Paulo ao STF seria sensata e racional (com trocadilho): um avanço nunca antes visto na história deste país rumo à promoção dos direitos humanos e da justiça social.

#### TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

#### sua assinatura pode valer ainda mais

Você já conhece as vantagens de ser assinante da Folha? Além de ter acesso a reportagens e colunas, você conta com newsletters exclusivas (conheça aqui (<https://login.folha.com.br/newsletter>)). Também pode baixar nosso aplicativo gratuito na Apple Store ([https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711?utm\\_source=materia&utm\\_medium=textofinal&utm\\_campaign=appletextocurto](https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711?utm_source=materia&utm_medium=textofinal&utm_campaign=appletextocurto)) ou na Google Play ([https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt\\_BR&utm\\_source=materia&utm\\_medium=textofinal&utm\\_campaign=androidtextocurto](https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR&utm_source=materia&utm_medium=textofinal&utm_campaign=androidtextocurto)) para receber alertas das principais notícias do dia. A sua assinatura nos ajuda a fazer um jornalismo independente e de qualidade. Obrigado!

#### ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2023/04/mano-brown-no-supremo.shtml>

## notícias da folha no seu email

### Recomendadas para você

(<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2023/07/nao-li-e-nao-gostei.shtml>)

#### **Opinião - Natalia Pasternak e Carlos Orsi: Não li e não gostei**

(<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2023/07/nao-li-e-nao-gostei.shtml>)

(<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/08/belarus-faz-exercicio-militar-com-mercenarios-na-fronteira-da-polonia.shtml>)

#### **Belarus faz exercício militar com mercenários na fronteira da Polônia**

(<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/08/belarus-faz-exercicio-militar-com-mercenarios-na-fronteira-da-polonia.shtml>)

(<https://estudio.folha.uol.com.br/visitargentina/2023/06/de-carro-ou-moto-pelo-incrivel-e-ainda-desconhecido-norte-da-argentina.shtml>)

#### **De carro ou moto, pelo incrível e (ainda) desconhecido norte da Argentina**

(<https://estudio.folha.uol.com.br/visitargentina/2023/06/de-carro-ou-moto-pelo-incrivel-e-ainda-desconhecido-norte-da-argentina.shtml>)

(<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/latinoamerica21/2023/08/o-poder-politico-na-sombra.shtml>)

#### **FOLHA DE S.PAULO**

### O poder político na sombra

(<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/latinoamerica21/2023/08/o-poder-politico-na-sombra.shtml>)

(<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2023/08/xuxa-e-marlene-mattos-foram-um-casal-por-muitos-anos-diz-filha-de-luciano-do-valle.shtml>)

#### **F5**

### 'Xuxa e Marlene Mattos foram um casal por muitos anos', diz filha de Luciano do Valle

(<https://fs.folha.uol.com.br/celebridades/2023/08/xuxa-e-marlene-mattos-foram-um-casal-por-muitos-anos-diz-filha-de-luciano-do-valle.shtml>)

## SOCIEDADE

## Entenda por que Racionais é leitura obrigatória no vestibular

Periferia na academia: álbum "Sobrevivendo no Inferno", de 1997, é incluído na lista do vestibular da Unicamp

5 min de leitura

**Felipe Floresti**

05 Jun 2018 - 14h41 | Atualizado em 05 Jun 2018 - 14h41



"Sobrevivendo no Inferno" é leitura obrigatória na Unicamp. (Foto: Divulgação)

O som entrou pelo meu rádio e nem vi. 1998, eu, branco, da classe média de São Bernardo do Campo, queria ser preto. Que ironia. Na época, aos 12 anos de idade, eu não entendia por que aquele canto pausado sobre o "país das calças bege" me cativava tanto. Mas eu queria ser mais um dos que invadiram o palco do VMB, finada premiação dos melhores videoclipes do ano realizada pela MTV, para receber o mais prestigiado prêmio, "Escolha da Audiência", com "Diário de um Detento".

Era a consagração dos Racionais MC's na mídia. Entre os playboy. Mas da ponte pra lá, na periferia, o efeito colateral que o seu sistema fez já era apoiado por muito mais que 50 mil manos. O álbum "Sobrevivendo no Inferno", quarto disco independente do grupo, lançado em dezembro do ano anterior, já superava um milhão de cópias vendidas, boa parte pela incipiente pirataria de CDs da época.

▼ CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE ▼

Corta par-

Campinas) anuncia a lista de leitura obrigatória para quem deseja ingressar na faculdade em 2020 e, contrariando as estatísticas, "Sobrevivendo no Inferno" aparece junto aos sonetos do português Luís Camões e da poesia marginal da carioca Ana Cristina Cesar como obra de poesia.

"É a periferia ocupando a academia", celebrou o grupo em uma postagem no Instagram. Mas, apesar da penetração sem precedentes, não é de hoje que acadêmicos se dedicam às letras dos Racionais. Uma das mais reconhecidas psicanalistas do país, Maria Rita Kehl, publicou, ainda em 1999, o artigo **"RADICAIS, RACIAIS, RACIONAIS"**.

▼ CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE ▼



Perfil do grupo racionais MC's no Instagram celebra inclusão do disco na lista da Unicamp. (Foto: Reprodução)

"Eles procuram ampliar a grande fratria dos excluídos, fazendo da 'consciência' a arma capaz de virar o jogo da marginalização. 'Somos os pretos mais perigosos do país e vamos mudar muita

A importância do álbum é apontada por Gutierrez, que destaca que o rap nacional, nove anos depois da gravação do primeiro clássico, "Pânico na Zona Sul", está longe de ser novidade. "Eles são o cânone do rap político brasileiro", afirma Gabriel Gutierrez, cientista político e professor de produção cultural nas Faculdades Integradas Hélio Alonso.

"Todo mundo cita eles. É aquele autor que você cita para dizer que está inserido na tradição."

Segundo o pesquisador, autor do artigo "[O rap contra o racismo: a poesia e a política dos Racionais MC's](#)", para entender a importância do álbum é preciso entender o papel da música na periferia. "O que em alguns extratos sociais é papel do jornalismo, da universidade, da ciência, da filosofia, para outros extratos sociais é a música", diz Gutierrez, que continua:

"A música é uma forma de filosofia. Pensar sobre o ser das coisas. Uma filosofia da ação, de como agir no mundo. É o lugar da história dos antepassados, o movimento das comunidades ao longo do tempo. Acho que os Racionais são uma etapa desse processo que é ancestral. Etapa de uma leitura afrodisíspórica, periférica."

▼ CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE ▼

De acordo com a Unicamp, a escutar o "Sobrevivendo no Inferno" é como uma "leitura do mundo". "Todas as músicas desse álbum tem uma questão que dialoga direto com o contexto histórico. Um acirramento das questões sociais nos anos 90, com o pensamento neoliberal muito forte e a precarização das condições de vida", afirma Roberto Camargos, historiador e autor do livro "[Rap e Política: percepções da vida social brasileira](#)" (Boitempo, 2015).

"É riquíssimo do ponto de vista antropológico, sociológico, histórico, mas também do ponto de vista da linguagem, da narrativa, das experimentações estéticas."

*Leia mais:*

- + [Educação ainda está distante da favela, diz autor do 'Rap da Felicidade'](#)
- + [Rapper Rashid fala sobre discriminação no Brasil](#)

clara e cc  
começo,

ia com

A quarta música, “Tô ouvindo alguém me chamar” é exemplo. Conta em primeira pessoa a história de um rapaz que, à beira da morte, lembra das amizades e traições que o levaram até àquele momento.

*“Lembro que um dia o Guina me falou  
que não sabia bem o que era amor  
Falava quando era criança  
uma mistura de ódio, frustração e dor  
De como era humilhante ir pra escola  
usando a roupa dada de esmola  
De ter um pai inútil, digno de dó  
mais um bêbado, filho da puta e só.  
Sempre a mesma merda, todo dia igual  
sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal  
Longe dos cadernos, bem depois  
a primeira mulher e o 22  
Prestou vestibular no assalto do busão  
numa agência bancária se formou ladrão  
Não, não se sente mais inferior  
Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor”  
(Tô ouvindo alguém me chamar)*

▼ CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE ▼

Para Gutierrez, é esse elemento que difere o “Sobrevivendo...” dos discos anteriores da banda, mesmo contando com sucessos como “Homem na Estrada” e “Fim de Semana no Parque”.

“Os de antes era mais a denúncia, esse é mais pensando sobre a realidade dentro da cabeça. Fica em dúvida, ‘quem sou eu?’ . Começam a falar de questões mais íntimas, mas que se conectam com as questões sociais”, conta.

“Usam personagens, fazem vozes, metáforas, referências, para falar da consciência da comunidade, valorização do lugar em que moram, autoestima para a condição dos negros e dos sujeitos periféricos. Uma proposta de saída ética existencial, de comportamento”, conclui Gutierrez.

São muitos os agentes que fazem denúncia social, incluindo os meios de comunicação, mas nenhum faz dançar durante o processo. Um discurso que, além de racional, tem estética, afeto, sensação, musicalidade e ritmo. Em mim, mesmo sem ser público alvo, fez pensar em uma realidade distante daquele menino são bernardense.

Já para periferia, a quem as rimas são endereçadas, o significado da obra de Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e o KL Jay vai muito além. “Está associado a um processo de luta por reconhecimento e valorização da cultura negra”, defende Camargos, que completa: “A entrada do disco para essa lista (da Unicamp) coroa muitas lutas. Não significa que alcançamos os melhores patamares, mas sinaliza que mudanças importantes estão acontecendo.”

*Curte o conteúdo da **GALILEU**? Tem mais de onde ele veio: baixe o [app da Globo Mais](#) para ver reportagens exclusivas e ficar por dentro de todas as publicações da Editora Globo. Você também pode [assinar a revista](#), por R\$ 4,90 e baixar o [app da GALILEU](#).*

05 Jun 2018 - 14h41 | Atualizado em 05 Jun 2018 - 14h41

## Sua diversão e adrenalina garantidas na bet do Vini Jr.

Cadastre-se hoje!

Betnacional - A bet dos brasileiros | Patrocinado

## MAIS LIDAS

**Tumba de sacerdote "oráculo" é descoberta na antiga cidade de Pérgamo - Revista Gal...**

---

**O que vai acontecer quando a rainha da Inglaterra morrer - Revista Galileu | Socied...**

---

**Museu do Ipiranga: 5 motivos (e 1 aviso) para visitar o edifício-monumento - Revist...**

**Assine a nossa newsletter!**

Fique por dentro das últimas notícias.

Digite seu e-mail

*Assinando a newsletter você aceita receber e-mails da Revista Galileu. Você poderá cancelar o recebimento a qualquer momento.*

**Últimas notícias**

**Ameaça fascista: como ideais de extrema direita ganharam espaço no Brasil**

**Ancestral mais antigo dos humanos já seria bípede há 7 milhões de anos**

## Como o Telegram bolsonarista espalhou desinformação sobre Dom e Bruno

Pessoas não familiares que se parecem podem ter DNAs similares, diz estudo

[VEJA MAIS](#)[ASSINE A REVISTA](#)



# NOTÍCIAS

---

| qua, 07 dez 2022 | 10:03

## Racionais MC's, professores de gerações

*Grupo de rap foi reverenciado na Unicamp como parâmetro para a reflexão sobre o racismo e a desigualdade no país*

| **AUTORIA** LIANA COLL (MAILTO: LIANAVNC@UNICAMP.BR)

| **FOTOS** FELIPE BEZERRA (MAILTO: FELIPEA@UNICAMP.BR)

| **EDIÇÃO DE IMAGEM** ALEX CALIXTO (MAILTO: ALEXCMAT@UNICAMP.BR)

(/#facebook)

(/#twitter)

(/#whatsapp)

(/#linkedin)

(<https://www.addtoany.com/share?url=https%3A%2F%2Fwww.unicamp.br%2Funicamp%2Fju%2Fnoticias%2F2022%2F12%2F07%2Fracionais-mcs-professores-de-geracoes&title=Racionais%20MC%E2%80%99s%2C%20professores%20de%20gera%C3%A7%C3%B5es>)



"Eu vou ficar bem na frente", comemorou o aniversariante Malik Miguel, que completava 10 anos no dia 30 de novembro. O presente não podia ser melhor: ver três integrantes dos Racionais MC's, que participavam de uma aula na Unicamp. "Nego drama", respondeu, indicando sua música favorita. "Meu primo me apresentou Racionais, e fui ver o que era. Essa foi a primeira música que ouvi e ficou marcada". Horas depois, Malik saía do auditório com a família. Na camiseta, acompanhavam a estampa do Pantera Negra as assinaturas de Mano Brown, KL Jay e Ice Blue.

Referências do protagonismo negro nunca faltaram, mas o racismo que fundamenta a sociedade brasileira buscava apagá-las. Desde a criminalização da capoeira e do samba, passando pela recente tentativa de censurar gêneros como o rap e o funk, expressa em projeto de lei de 2019, muitas são as barreiras criadas para o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Por isso, a ida dos Racionais MC's à Unicamp foi classificada pelo público como histórica. "É um grande feito os Racionais estarem dentro de uma das melhores universidades da América Latina, poder trazer meus filhos para que eles tenham essa representatividade na vida deles", disse Marcela Reis, coordenadora social da Central Única de Favelas (CUFA) de Campinas e mãe de Malik.

Ao lado dela, a presidente da CUFA Campinas, Michele Eugênio, também indicava a importância da noite. "Quando a gente vê os nossos num lugar de fala tão potente, fica muito feliz. Conseguimos mostrar isso para nossas crianças e adolescentes, apontando um caminho. Isso é um momento histórico pra gente."



A presidente da Central Única de Favelas (CUFA) Campinas e Michele Eugênio e Marcela Reis, coordenadora social da CUFA e mãe de Malik

### **“Somos o que somos”, da sobrevivência às cores**

Historicamente marginalizado, o rap no Brasil tem como marco os Racionais MC's, grupo criado em 1988 por Mano Brown, KL Jay e Ice Blue e Edi Rock. Com quatro álbuns e dois EPs, os Racionais expressam a vivência de boa parte da população brasileira nas periferias do país. “É uma referência não só musical, mas de sobrevivência para o nosso povo preto e periférico”, sintetizou Reis.

Enquanto homens negros, os quatro integrantes expõem as dores e as lutas contra o racismo. “O rap conta a história de cada um da periferia. Onde tiver negro e periférico, a gente tem essa semelhança de vida e de ancestral”, analisou Ice Blue na aula. Para ele, as vivências colocadas nas letras foram, ao longo da carreira, sendo trabalhadas de forma mais estratégica. “Essa revolta virou inteligência. Era uma revolta inconsequente e agora está mais estratégica. Agora está perigosa. Não tem só a arma e a força, tem a inteligência.”

Além disso, segundo Mano Brown, o grupo foi acompanhando os momentos políticos do país. Comparando o álbum Sobrevivendo ao Inferno (1997), obra que entrou como leitura obrigatória do Vestibular Unicamp em 2019, com o álbum Cores & Valores (2014), o artista conclui que houve um movimento do individual ao coletivo e do coletivo ao individual. “[...] o povo tem

sede de viver hoje, não depois, lá [no céu]. Isso fez o nosso rap ir do coletivo para o individual, que era o oposto do Sobrevivendo ao Inferno, um disco de estatísticas do coletivo."

Já Cores & Valores, avaliou o artista, mostra que "nem todos pretos são iguais", tendo sido escrito em um momento em que as condições de vida nas favelas tinham melhorado, após os governos petistas. "Eu senti que o rap estava defasando. A juventude estava sonhando com coisas mais sofisticadas. É que nem a música do Titãs: a gente não quer só comida, quer outras coisas [...]. Foi um disco que humanizou o tal do cara da periferia."

Em mais de 30 anos de trajetória, que combinou a arte com o ativismo, os Racionais MC's tornaram-se professores para diversas gerações. No auditório da Unicamp, eles relembraram marcos para o movimento negro e ressaltaram a importância da filósofa Sueli Carneiro, liderança do Instituto Geledés da Mulher Negra, onde se reuniam para troca de experiências e formação intelectual. "Posso dizer que [o Geledés] foi um embrião, uma das sementes para tudo que tem hoje", disse KL Jay, que rememorou os debates sobre os textos de Malcom X, ativista pelos direitos dos negros nos Estados Unidos, que foi assassinado em 1965.

Desde aquela época, para os integrantes dos Racionais MC's, o ativismo se fortaleceu, e a maior presença de negros na Universidade contribui para o avanço nas condições de vida de negros e negras, bem como para a pauta antirracista. "O espaço foi conseguido. A luta é constante. A gente está em guerra, em território inimigo. Um bom resultado eu acredito que vai acontecer, mas é a médio e longo prazo. Já que conseguiram entrar [na universidade], tem que seguir lutando para se manter", apontou o DJ.



Ice Blue, Mano Brown e KL Jay: "revolta virou inteligência"

### **"Tá na correria, como vive a maioria"**

A presença dos Racionais MC's na Unicamp foi parte da conclusão da disciplina "Tópicos Especiais em Antropologia IV: Racionais MC's no Pensamento Social Brasileiro", ministrada pela professora Jaqueline Santos, para quem os integrantes do grupo são grandes "intérpretes do Brasil".

Um dos alunos do curso foi Vinicius Santana, estudante do curso de Filosofia que viu na música *Mágico de Oz* um "desejo de construir uma realidade melhor para aqueles que se parecem comigo". Natural de Osasco (SP), ele ingressou em 2018 na Unicamp e diz que o rap já havia lhe proporcionado, bem antes, ensinamentos que extrapolam a academia. "Racionais, para mim, foram minha escola fora da escola. Eles foram responsáveis por eu me sensibilizar para a realidade em que eu estava inserido, para eu entender as questões que estavam me cercando enquanto um jovem negro de periferia."

Na disciplina, foi possível perceber que nem sempre a análise da realidade está expressa em livros ou artigos. "Quando a gente escuta Holocausto Urbano, por exemplo, o que eles descrevem é muito parecido com o cenário que o Mbembe designa de necropolítica, essa política de morte implementada contra grupos racializados. O que a Universidade depois me proporcionou, os Racionais já estavam sussurrando no meu ouvido há muito tempo."

Levar os Racionais para a Unicamp, avalia Santana, é um sinal da democratização da Universidade, que aos poucos torna-se mais plural. “[Trazer] quatro homens periféricos que não acessaram e não têm título de doutorado, mas que ainda assim produzem teorias sobre a experiência negra muito sofisticadas, é um aceno à democratização do acesso à universidade e de ela reconhecer o valor que a gente, enquanto pessoas negras periféricas, já reconhecemos há muito tempo.”



Presença dos Racionais MC's na Unicamp foi classificada pelo público como histórica

### **“Afro dinamicamente mantendo nossa honra viva”**

A aula com Racionais MC's na Unicamp reuniu centenas de pessoas, dentre elas artistas de Campinas. Daniel Alves, conhecido como Ciro, que integra o movimento hip hop na cidade há mais de duas décadas e atua na comissão de heteroidentificação do Vestibular da Unicamp, lembrou que, apesar de mais da metade da população ser negra, esta ainda não é a realidade das universidades. “Então não é só um evento, é estar nesse espaço, ocupar com qualidade, mostrar quem somos, porque somos e porque estamos aqui”, observou.

Campinas, lembrou, foi uma das últimas cidades do mundo a abolir a escravidão. Há uma segregação na cidade, assim como no país, que demarca marginalização de negros e pobres. Por isso, segundo o artista, o hip hop na cidade sempre foi entrelaçado ao ativismo. “Para nós não bastou cantar, não bastou dançar, não bastou grafitar. Para nós, o fundamental era colocar nossas ideias em prática a partir do discurso.”

Apesar de ser lembrado pelo conservadorismo, o município, lembrou, também tem um protagonismo importante no movimento hip hop. “Não podemos esquecer que foi a última cidade a abolir a escravidão, a última a enforcar um negro em praça pública, mas também a primeira cidade a lutar e a romper alguns paradigmas. O primeiro conselho de hip hop é de Campinas, a primeira casa municipal de hip hop gerida somente pelo hip hop é da cidade de Campinas.”

De uma família de funcionários da Unicamp, ele falou da importância de estar na universidade enquanto artista. “Estar na Unicamp não só como trabalhador ou como estudante, mas como hip hoper, é fundamental para mim, quebra muitas barreiras.”

“A minha vida toda eu devo ao rap”, concluiu, apontando a música dos Racionais que foi um marco na sua vida: Voz Ativa.



Vinicius Santana, estudante do curso de Filosofia e Daniel Alves (Ciro), membro da comissão de heteroidentificação do Vestibular da Unicamp: apesar de mais da metade da população ser negra, esta ainda não é a realidade das universidades

### **Leia mais:**

[Sejamos Racionais](https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/marcos-lopes/sejamos-racionais) (<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/marcos-lopes/sejamos-racionais>)

[Racionais MC's e estudantes compartilham trajetórias em aula](https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2022/12/01/racionais-mcs-e-estudantes-compartilham-trajetorias-em-aula) (<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2022/12/01/racionais-mcs-e-estudantes-compartilham-trajetorias-em-aula-na-unicamp>)

Assista à reportagem produzida pela TV Unicamp:

Racionais MC's participam de aula aberta na Unicamp



Imagen de capa JU-online



## MÍDIAS SOCIAIS

Acesse as notícias do JU nas redes sociais da Unicamp



Arte & Cultura  
Biológicas  
Exatas  
Humanas  
Inovação  
Saúde

Edições  
Impressas  
Expediente  
Índice de  
notícias



Fale com o JU  
[seexec@unicamp.br](mailto:seexec@unicamp.br)



Universidade  
Estadual  
de  
Campinas  
[www.unicamp.br](http://www.unicamp.br)



Localização  
Jornal da Unicamp  
Secretaria Executiva de  
Comunicação

[portal@unicamp.br](mailto:portal@unicamp.br)

Avenida Albert Einstein, 901 - Cidade Universitária

CEP 13083-852 - Campinas/SP

**BAHIA**

## Samba de roda, pagodão e churrasco: as aventuras de Mano Brown no sertão da Bahia

Filho de baiana, rapper veio conhecer história de seus antepassados e cogita voltar à Bahia ainda no fim deste ano

---

**Hilza Cordeiro**

hilza.cordeiro@redebahia.com.br

Publicado em 07/11/2020 às 06:56:00

Atualizado em 08/05/2023 às 02:44:06





. Crédito: .

Era fevereiro, mês em que o verão é mais verão na Bahia e quem pode pega estrada em direção ao mar. Prestes a completar 50 anos, o rapper Mano Brown escolheu ir para o lado contrário: o sertão. Esperado para cantar pela primeira vez em cima de um trio no Carnaval de Salvador, o cantor deu antes uma passada num destino a 180 Km da capital baiana, a cidade de Riachão do Jacuípe, terra de origem da sua mãe, Dona Ana Soares, já falecida. Feita em companhia da filha, a atriz Domênica Dias, a jornada ao interior do estado durou quase uma semana e foi um resgate das histórias das suas raízes familiares.

Equilibrados sobre o lajedo inclinado de pedras à beira do rio, os primos de Brown tiram um samba das palmas das mãos. “Ôh, mulher, tu vem morar mais eu, teu pai e tua mãe te amam, mas



lavadeiras — uma cena bastante comum nos semiáridos. “A gente estava lá tocando e ele perguntou assim: ‘Isso aqui é chula ou samba de roda?’ Aí eu falei: ‘Ói, primo, quer saber? É tudo a mesma coisa’”, gargalha Guel Soares, primo em primeiro grau de Brown. No Instagram, o rapper compartilhou um vídeo do momento e legendou: “como eles mesmos dizem, família de sambador”.

[Ver mais no Instagram](#)

112.417 curtidas

Adicione um comentário...

O samba que corre na veia deles uma parte vem do falecido Feliciano Soares, conhecido como Friciano, irmão de Dona Ana. Friciano era vendedor de farinha no mercado popular e um dos mais célebres cantores e tocadores de cavaquinho do Sufoco da Fumaça, uma das rodas mais tradicionais da cidade, liderada por Zé Cândido. Até hoje a professora Antonieta Soares, filha dele e prima de Brown, guarda o histórico instrumento do pai.



só aconteceu dez anos atrás, quando o ônibus da banda Racionais fez parada às margens da rodovia em Riachão e o alvoroço foi formado. “Fui olhar para ele e vi que, de fato, os traços eram iguais aos do meu pai”, lembra ela.

Friciano, segundo relata Zé Cândido, já cantava em rodas desde rapazote, muito antes de entrar para a Sufoco da Fumaça. Formava uma dupla com o sobrinho, Raimundo Oliveira, hoje com 75 anos, e tocavam em rezas e carurus de São Cosme e Damião nas fazendas. Atualmente açougueiro, Raimundo, também primo do rapper, diz que o samba está nas suas memórias mais antigas e deve ter vindo de tempos anteriores ao de seus avós.

Em depoimento dado, há 20 anos, à Revista Teoria e Debate, Mano Brown revelou, inclusive, que começou sua carreira escrevendo samba. Chegou a pensar em seguir, até tocava bem, mas não foi para frente. O tempo dedicado não foi perdido. As rimas do rap que se tornaria símbolo das ideias de consciência negra no Brasil nasceram dali. “Eu tinha um repique de mão, era partideiro, improvisava meia hora. Eu fazia freestyle no samba”, contou mais tarde.

Pesquisador de música e professor da Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe), Jeder Janotti Jr. aponta que, de fato, rap e samba têm aproximações: são manifestações musicais de tradição baseada na oralidade da população afrodescendente espalhada pelo mundo e são contribuições culturais marcadas pelo improviso e resistência.

“A música da diáspora negra tem ligações que, quando ficamos fechados nas casinhas das categorizações musicais, não percebemos. Acho que tentar manter tudo separado é uma visão muito purista”, comenta Janotti.

Embora haja uma tendência de colocar estes gêneros como distantes um do outro, Richard Santos (Big Richard), professor da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e também rapper, cita que os movimentos migratórios no país produziram e continuam produzindo culturas



“O rap e a cultura hip hop são frutos do repente, de uma oralidade ancestral africana que a gente chama de canto falado. A região onde Brown cresceu, no bairro do Capão Redondo, é a região com maior população nordestina em São Paulo. A população negra faz conexões que, às vezes, parecem invisíveis, mas que lhes dão identidade no mundo. Muito do que falamos é desconhecido porque também são desconhecidos estes nossos trajetos. Mas conseguimos identificar essas correlações ainda que Mano Brown não tenha contato direto com a família, nem com a experiência do ritmo do interior do sertão da Bahia”, aponta Richard Santos. Feliciano Soares, o Friciano (Foto: Acervo familiar) Neto de vaqueiro e parteira

Na visita deste ano à terra da mãe, os familiares levaram Brown para uma diversidade de passeios para que ele pudesse conhecer melhor a história de seus antepassados, que começa no bairro ribeirinho do Alto do Cruzeiro, onde viveram o vaqueiro Teodoro e a parteira Lixandrina Soares, avós dele. “Ele fez questão de conhecer o nosso gueto. Aqui em casa, ficamos até tarde, até umas 3h da madrugada, batendo papo sobre a vida, política e principalmente família, porque a sede dele era saber dos nossos avós e tios, como eles eram, como viviam, já que ele não conheceu ninguém”, conta a prima Antonieta. “A gente levou Paulo [nome de batismo do rapper] numa ruma de lugar. Menina, esse homem caiu dentro do samba de roda. Na barragem, ele já foi todo dançando né, metendo um pagodão”, acrescenta Guel. Festa de São Roque

Do total de tios, os primos contam que o rapper só chegou a conhecer três: Pedro, Feliciano e Bernardete, todos já falecidos. Bernadete Soares, a Dona Chea, era conhecida pescadora de camarão de água doce e foi lendária porta-bandeira da Lavagem de São Roque, festa histórica muito esperada do calendário municipal, celebrada em agosto.

Diz-se que o festejo surgiu na cidade por volta de 1920, depois que Riachão foi atingida pela peste e fazendas iniciaram rezas para São Roque, protetor dos doentes. Na década seguinte, mulheres “que faziam vida” na antiga Rua do Fogo — assim chamada porque neste período era zona de prostituição — passaram a ter acesso à lavagem. A rua ficava justamente no Alto do Cruzeiro, bairro que chegou a ter para lá de oito bregas, todos mal falados nas bocas das mulheres casadas.

Antes excluídas da festa pela sociedade local, as meretrizes então criaram um dia festivo em homenagem ao santo, no qual desfilavam enfeitadas pelas ruas do centro da cidade ao lado da população menos abastada, como feirantes, matadores de bois, lavadeiras de roupas e outros. Essa entrada nas comemorações católicas foi um pretexto estratégico que as raparigas usaram para conquistar o direito ao espaço e ser parte da festa.



A história de Dona Chea — e de outras parentes de Brown à frente da lavagem — chegou a ser documentada num trabalho de doutorado da Ufba, feito por Lourdisneta Benevides. À ela, Chea contou que a primeira vez em que participou da lavagem foi em 1956, ano em que Seu Teodorinho, avô de Brown, morreu. Bernadete Soares, a Dona Chea (Imagem: Reprodução/Laura Ferreira) Diretora do documentário “Rua do Fogo — Memórias do Baixo Meretrício”, a jornalista jacuipense Laura Ferreira conta que, nos bastidores das gravações, Dona Chea relatou que os bregas da região ainda eram quentes na adolescência de Dona Ana e aconselhou a irmã a tentar uma vida melhor em São Paulo.

“Não era o nosso foco, mas nos intervalos perguntei sobre Mano Brown e ela contou que deu a maior força para Ana ir embora justamente porque os bregas do Alto do Cruzeiro estavam demais e a irmã já estava ficando mocinha, tinha medo de que ela entrasse na vida, se influenciasse”, recorda.

### Churrasco de família

Para fazer uma imersão nestas histórias de família, Mano Brown pediu que se convidasse o máximo de Soares possível para um churrasco no sítio. Queria conhecer um a um. Cerca de 50 pessoas compareceram. Uma delas foi o aposentado Amarílio Soares, o Tio Lio, tido como um guardião da memória da cidade e responsável por contar ao rapper as origens da Festa de São Roque. “Cada Soares que ia chegando, ia interagindo. Quando eu cheguei, ele falou: ‘Ah, você que é o Tio Lio?’ . Daí, bem mais tarde, já depois de muito conversar, ele levantou, olhou de um por um e disse: ‘Quer dizer então que vocês são todos meus parentes? E eu pensando que eu era sozinho!’. Aí, pronto, todo mundo sorriu”, recorda Lio. Para o próximo encontro, a família da Bahia já deu até ideia: tem que ser festa de camisa, confeccionada com foto em homenagem à Dona Ana. Segundo familiares, o rapper até cogita voltar lá no fim deste ano. O primo Guel Soares recorda ainda de outro caso que fez o riso rolar solto naquela tarde, quando ofereceram à Brown uma pinha — também conhecida como fruta-do-conde. “O que é isso?”, teria perguntado o paulistano, levando o parente a rir do desconhecimento. “Ele engoliu até os caroços, acho que não conhecia, perguntou à prima da gente que mora com ele se podia comer”, galhofa Guel.

[[galeria]]

Leão do Sisal



Jogador do Jacuipense, Rafael Bastos contou na ocasião ao Globo Esporte que, ao ver Brown sentado na arquibancada de concreto da Arena Valfredão, foi como se tivessem lhe dado o combustível que faltava para a partida. “Deu um incentivo. Não só para mim, mas para a equipe”, relatou. O resultado do jogo, no entanto, deu empate...

A presença do rapper no pequeno estádio fez mudar o centro das atenções. A Torcida Organizada do Leão do Sisal (Tols) não se conteve, “quase que não tinha jogo”, brinca Guel Soares. Membro da Tols, Renato Júnior, 19, recorda que a surpresa foi grande em ver o cantor assistindo à partida. “Acho que ninguém sabia que ele ia aparecer lá, entende? O guerreiro apareceu do na-da! Ele passou pelo meio da galera, aí todo mundo notou, não teve jeito. Só se ouvia gente falando: ‘Ó, Mano Brown ali!’, narra.

No intervalo do jogo, a galera invadiu a área restrita da arquibancada, onde o músico estava com a família. Renato conta que escuta os Racionais desde ‘pivete’, não resistiu e foi junto. “A gente pediu para ele fazer o T, e ele ficou perguntando o que diacho era T — a letra da torcida — e ele fez na maior humildade”, conta. Na brincadeira, o grito de guerra da torcida ganhou até adaptação: “Uh, faz o T, deixa a Tols enlouquecer. Pula, sai do chão, Mano Brown é do Leão”. Mano Brown com a camisa do Jacuipense (Foto: Reprodução/Instagram) Assistindo ao jogo, o professor Roniere Mota, 32, desistiu do sonho da foto própria com o ídolo ao ver o tumulto na tribuna. Funcionário da escola do bairro do Alto do Cruzeiro e amigo de muitos parentes, ele deu outro jeito.

“Um dos meus alunos me ligou e disse: ‘Roni, Mano Brown está aqui na minha casa, tu quer tirar uma foto com ele?’ E eu: ‘Quero, lógico’. Fui na hora! Quando cheguei, ele estava dentro da casa conversando com umas tias, aí esperei o momento familiar dele. Quando ele saiu, veio em minha direção e cumprimentei. Tiramos umas 20 fotos até prestar”, detalha o professor, que encontrou o cantor já em seu último dia de estadia em Riachão.



gostavam de estudar, brincando assim: ‘Rapaz, olhe lá, você não tem cara de que gosta de estudar. Tem que estudar, cara, tem que mudar isso aqui, essa realidade’”, lembra. (Imagem: Reprodução/Tols) Estreia no Carnaval de Salvador

A viagem à Bahia terminou em cima de um trio elétrico, no Circuito Barra-Ondina, com uma cena que entrou para a história do carnaval soteropolitano. A internet ‘quebrou’, digamos assim, com o vídeo do flagra da emoção do ambulante Diego Cleisson dos Santos, o Negro Drama, de 34 anos. O vendedor apenas passava pela área vendendo cervejas em seu isopor quando se deu conta de que Brown era a atração que subia no bloco Afropunk. A comoção dele foi tanta que levou as mãos ao rosto, abriu uma lata e chorou.

Jeder Janotti define aquele instante como um verdadeiro acontecimento. A legítima emoção do ambulante mostrou ao país a força do rap como mais uma música política da população periférica dentro do carnaval soteropolitano.

“Mano Brown é a figura de referência de uma geração, ele é ídolo do rap, merecidamente. Não me surpreende a presença do rap no carnaval porque a festa soteropolitana há muito tempo é transcultural, tem diversos gêneros musicais. O rap é uma música negra brasileira e, guardada as devidas proporções, acredito que foi uma chegada até tardia no carnaval. Faço um paralelo disso com a própria dificuldade do reconhecimento do papel dos blocos afro no carnaval soteropolitano. Um carnaval com Mano Brown não é uma coincidência, tem forte acionamento na música baiana”, sustenta o pesquisador.

# Mais lidas



---

**01****VIOLÊNCIA**

Prefeito de Muritiba é baleado no pescoço em ataque



---

**02****AFETOU O CÉREBRO**

Ludmillah Anjos perdeu memória recente após acidente de carro



---

**03****VIOLÊNCIA**

Justiça decreta prisão preventiva do acusado de matar jovem na saída de show na Paralela



---

**04****EDUCAÇÃO**

Professores fazem nova manifestação para exigir juros dos precatórios

**PEGOU FOGO**

Sexo entre Caio e Aline em 'Terra e Paixão' gera impacto entre telespectadores

**06****CRIANÇAESPERANÇA**

Preta Gil faz homenagem à Gal Costa e tem surpresa de Ivete Sangalo

**07****SURPREENDEU FÃS**

Rainer Cadete posta foto e surpreende seguidores: 'Ele tem filho?'

**08****DIA INTERNACIONAL DO GATO**

Dia do Gato: alvo de preconceito, felinos são muito parceiros

**09****MAIS CAROS**

Idec mostra que reajustes de planos de saúde coletivos quase dobraram

**10****ENTREVISTA**

'Me fizeram ameaças – de morte, inclusive', diz Antonio Risério



Celulares não vendidos  
estão sendo comprado...

Em uma corrida contra o tempo  
ainda é possível comprar os...

Lote de Eletrônicos

Aos 79 Anos, Beleza da  
"Garota de Ipanema"...

"Deusa" Dona de uma beleza  
irretocável, Helô Pinheiro usa o...

Revista Mulher

Por que ninguém me  
disse que eu posso...

Dicas de Tecnologia Segura

Bahia: tribunal do crime  
de facções leva terror e  
morte às comunidades

Rui em rota de colisão  
com Janja, Jerônimo  
influencer e o deputad...

Busca por atendimento  
após picada de cobra  
gera confusão e...

Dermatologista: Rugas e  
marcas de expressão?...  
Rejuvenescimento Feminino

Nutricionista Revela  
Como Reduzir a Gordu...  
Receitas Modernas

Isso é o que os "velhos  
sarados" fazem para...  
Os resultados são inegáveis.  
Usando o meu método, é possí...  
Ganho de Massa Muscular

Como gerar renda  
investindo \$200 no...  
Investidores Brasileiros

Antena vira febre em  
Salvador por captar...  
Tv Octa Air | Libere 397 nov...

Carta aos Homens  
Entre 55 e 75 Anos:...  
Saúde do Homem

Barriga inchada e dolorosa? Use isto  
pela manhã



[Invista na Amazon e outras empresas a part...](#)  
globmedianews.com

[\[Fotos\] 10 alimentos que mais fazem mal à saúd...](#)  
Revista Investing

[Gordura abdominal derrete com essa...](#)  
gruponoticiasbrasil.com

## Receba por email.

Cadastre-se e receba grátis as principais notícias do Correio.

[INSCREVA-SE](#)

---

27°C Salvador, BA - Brasil

### Home

[Minha Bahia](#)  
[Esportes](#)  
[Entretenimento](#)  
[Brasil](#)  
[Mundo](#)  
[Colunistas](#)

### Assine

[Alterar senha](#)  
[Clube Correio](#)  
[Fale Conosco](#)  
  
[Anuncie](#)  
[Institucional](#)  
[Política de Privacidade](#)



Rua Aristides Novis, 123,  
Federação.  
CEP: 40210-630  
Salvador, Bahia, Brasil.

Assinaturas: 71 3480-9140

Anuncie: 71 3203-1812

Ache Aqui Classificados:  
71 3480-9130

Redação: 71 3203-1048

**VERSÃO  
IMPRESSA:**

Leia a edição digital do Jornal Correio



redacao@correio24horas.com.br



RAP NACIONAL

# MANO BROWN: 52 ANOS DE SOBREVIVÊNCIA, LUTA E RESISTÊNCIA

NO MÊS DE ABRIL, MANO BROWN FEZ 52 ANOS DE IDADE, MAS NÃO HÁ DÚVIDAS...



30/04/2022 15:30

POR ALLAN RICARDO

No mês de abril, **Mano Brown** fez 52 anos de idade, mas não há dúvidas de que a cultura brasileira é quem foi presenteada ao longo dos mais de 30 anos de carreira do artista

PUBLICIDADE

RAP NACIONAL

RAP INTERNACIONAL

NOTÍCIAS

EVENTOS

BUSCA

Este site utiliza cookies para garantir que oferecemos a melhor experiência. Ao clicar em "Confirmar e Aceitar", você concorda com o uso dos cookies, termos e políticas do site.

[Confirmar e Aceitar](#) [Política de Privacidade](#)



Fotógrafo mostra Mano Brown em Capão Redondo nos anos 90

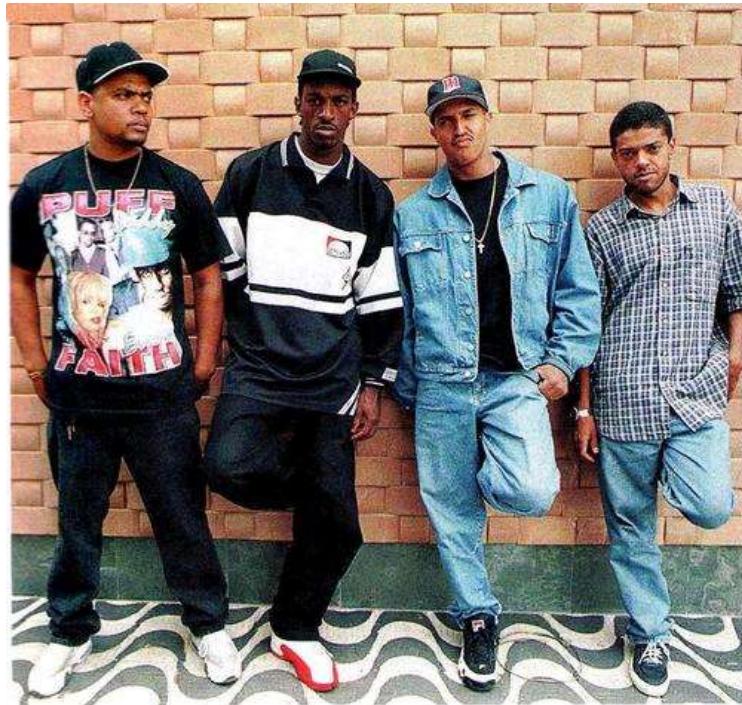
PUBLICIDADE

A partir de suas letras, as minorias puderam se ver representadas, ao mesmo tempo em que recebiam a mensagem de que é necessário lutar, pois a realidade é cruel há séculos

Na companhia do grupo Racionais MC's, formado em 1988, Pedro Paulo Soares Pereira (nome de batismo do astro) foi vanguarda na Música Popular Brasileira ao trazer o rap para cena brasileira. Com letras fortes que mostram a realidade da periferia, Mano Brown fez poesia ao retratar a vida marginalizada do preto favelado.

Este site utiliza cookies para garantir que oferecemos a melhor experiência. Ao clicar em "Confirmar e Aceitar", você concorda com o uso dos cookies, termos e políticas do site.

[Confirmar e Aceitar](#) [Política de Privacidade](#)



PUBLICIDADE

Ao lado de Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, o filho da dona Ana, como Brown se identifica no hino Nego Drama, o grupo de rap não apenas foi pioneiro na Black Music, como fez de sua obra um dos trabalhos mais marcantes da música brasileira. A revista Rolling Stones o classificou como 28º artistas mais importante no Brasil.

PUBLICIDADE

Este site utiliza cookies para garantir que oferecemos a melhor experiência. Ao clicar em "Confirmar e Aceitar", você concorda com o uso dos cookies, termos e políticas do site.

[Confirmar e Aceitar](#) [Política de Privacidade](#)



*Mano Brown e Dona Ana*

### **Posicionamento**

Se hoje existem artistas e personalidades que evitam declarar preferências políticas para não se indispor com os fãs, Mano Brown vai na direção contrária. O cantor não esconde que os governos do PT realizaram importantes transformações sociais, voltadas para as classes sociais desfavorecidas.

No entanto, engana-se quem pensa que o artista não faz críticas ao Partido dos Trabalhadores quando julga necessário. Brown fez questão de mostrar independência, apesar de reconhecer os avanços sociais na gestões dos ex-presidentes Lula e Dilma.

*Mano Brown faz discurso histórico pra mudar não só a eleição, mas o PT*

O engajamento do rapper com as causas das minorias não ocorre apenas com suas rimas. Seja em eventos, seja em entrevistas, fez questão de dar seu depoimento e visão de mundo. Recentemente, criou o **podcast Mano a Mano**, um espaço em que busca dialogar com a juventude de maneira simples.

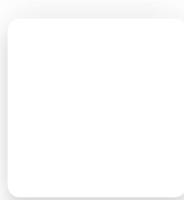
Este site utiliza cookies para garantir que oferecemos a melhor experiência. Ao clicar em "Confirmar e Aceitar", você concorda com o uso dos cookies, termos e políticas do site.

[Confirmar e Aceitar](#) [Política de Privacidade](#)

# **“SE O MOLEQUE NÃO ENTENDER, NÃO ADIANTA NADA. O QUE NAO SERVE PARA COMPARTILHAR É INÚTIL, UMA SABEDORIA INÚTIL”, DEFENDE.**

Por diversas vezes, Mano Brown foi visto como alguém avesso à imprensa. Raramente o compositor concede entrevistas, sobretudo a grandes grupos de mídia. Mas seus fãs não se incomodam, pois sua música por si só já é capaz de transmitir tudo aquilo que a lenda pensa e sente.

Ouça o podcast do rapper no Spotify:



**Cannabis (Emílio Figueiredo, Juliana Borge)**

Aug 3 · Mano a Mano

PREVIEW E

A segunda temporada do podcast Original Spotify Mano a Mano apresenta uma conversa histórica entre Mano Brown e a ex-Presidente Dilma Rousseff. No sexto episódio, que vai ao ar amanhã, dia 28, Dilma faz revelações sobre sua infância e a relação com a família, conta com detalhes seu interesse pela militância e o combate às injustiças sociais, além de comentar sobre momentos marcantes da sua vida política. Escute grátis, só no Spotify.

0 COMENTÁRIOS

Este site utiliza cookies para garantir que oferecemos a melhor experiência. Ao clicar em "Confirmar e Aceitar", você concorda com o uso dos cookies, termos e políticas do site.

[Confirmar e Aceitar](#) [Política de Privacidade](#)

Este site utiliza cookies para garantir que oferecemos a melhor experiência. Ao clicar em "Confirmar e Aceitar", você concorda com o uso dos cookies, termos e políticas do site.

[Confirmar e Aceitar](#) [Política de Privacidade](#)

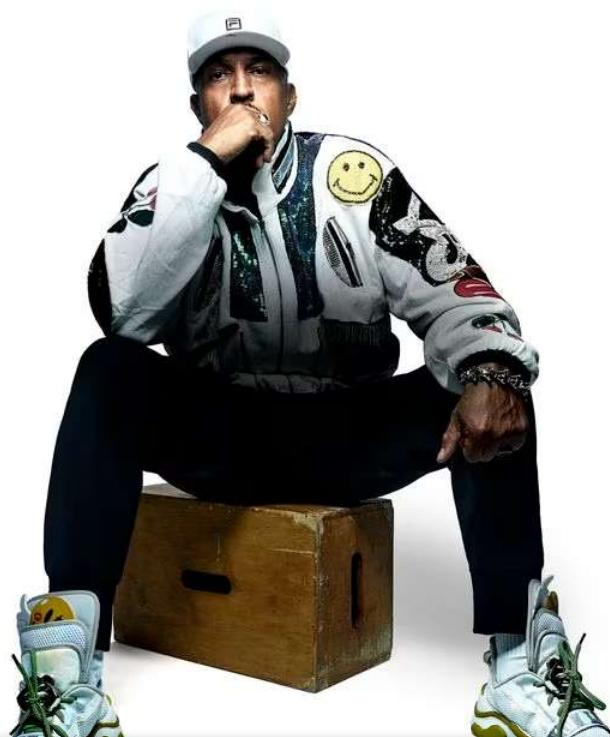


CULTURA

MÚSICOS &gt;

## Papo reto com Mano Brown

Líder do Racionais MC's e principal nome do rap nacional, artista estreia como entrevistador em 'Mano a Mano', podcast do Spotify para debater política, religião, racismo, futebol, entre outros temas



**GUI**

26

**MAIS INFORMAÇÕES**

**Um escritor em busca da fórmula mágica da paz**



**Djonga: “Uma hora você quer pegar no revólver, outra hora quer ler um livro, até entender seu caminho”**



**VIDEOS DESTACADOS**

**GUÍA**

26



Assim que a possibilidade de falar com Mano Brown foi apresentada, **Maíra** fez questão de lembrar que o encontro era voltado à própria vida, e não ao trabalho do artista. “A ideia era falar sobre suas histórias, mas não era isso que eu queria. A decisão do artista é fruto de um misto de humildade e curiosidade, em um momento no qual as perguntas eram mais importantes do que respostas. “Eu decidi que não poderia ‘chapar’ mentalmente durante a pandemia. Para fugir da ansiedade e da falta de perspectiva, fui estudar teologia, arqueologia, ciência, tudo relacionado à diáspora africana”, afirmou o líder do Racionais MC’s.

As inquietações dominaram a mente do rapper mais importante do país, cuja relevância artística e social está longe de ser mensurada. Como bom contador de histórias, um cientista social autodidata, Brown decidiu que a melhor maneira de entender aspectos do Brasil contemporâneo, como a polarização política, seria através do diálogo. “Essa guerra ideológica que acontece no Brasil... Nós precisamos conviver com isso e entender o que as pessoas estão pensando.”

Powered by **[primis]**NC  
PLAY

**“SOY CULPABLE  
PERO YO ERA SU**



*Mano a Mano*, podcast produzido nesta quinta-feira, é um a mistura desejo de compreender o outro, firmar posicionamentos e a vontade em um período sombrio. “Quero quiser. As pessoas vão absorver o que posso e não vou direcionar nada”, line de lançamento do projeto, em conversa mediada pela jornalista Adriana Ferreira Silva.

Apoie a produção de notícias como esta. Assine o EL PAÍS por  
30 dias por 1 US\$

**CLIQUE AQUI**

Brown exerceu a função de entrevistador em 16 episódios, com um perfil variado de convidados. “Tive que sair da zona de conforto. Aí pude ver como é para um jornalista abordar um convidado e tirar dele o que você quer que as pessoas saibam”, disse o artista, que ao longo dos 30 anos de carreira sempre foi avesso à entrevistas. Até por isso, *Mano a Mano* é uma forma de também conhecer Brown, ainda que a intenção seja torná-lo um coadjuvante de luxo. “Sou o cara mais comum do mundo. Um brasileiro de

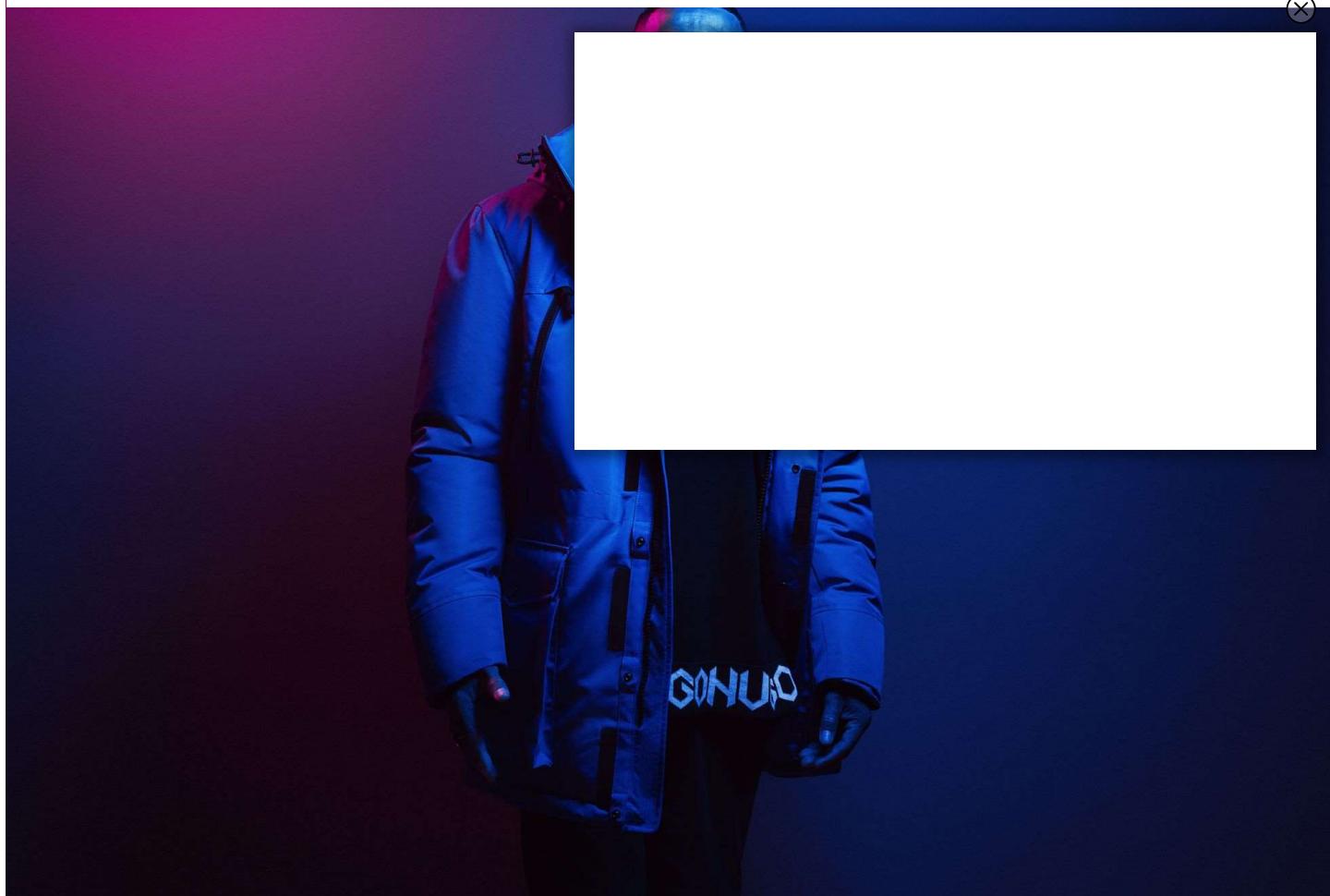
[ASSINE](#)

# EL PAÍS

[participação questionável no BBB'21](#). Brown afirma que muitas pessoas ao seu redor não queriam ter a artista na casa. “Era alguma coisa que eu sentia, que não era só eu. Acho que a participação da cantora. “Era alguma coisa que eu sentia, que não era só eu. Acho que a rejeição. Naquele momento, ninguém queria ter a cantora lá. Eu não assisti e não assisto o Big Brother. Ninguém me manda em mim sou eu. Uma mulher que é fã de mim me lembrei um pouco da minha mãe, que sempre me apoiou, que sempre foi bem ao nosso diálogo”, ressaltou.



A lista segue e inclui [o médico Dráuzio Varella](#), com quem o rapper manteve uma amizade de longa data. “É como um pai que eu não tive. Ficaria conversando com ele o dia inteiro se pudesse”. Além dele, outros entrevistados já revelados são o técnico de futebol Vanderlei Luxemburgo, o pastor Henrique Vieira e [o vereador Fernando Holiday \(Novo\)](#), ex-liderança do MBL (Movimento Brasil Livre). Citada por Brown *en passant*, a conversa com Juary, Gilberto Sorriso e Pita, ex-jogadores do Santos, time do coração do rapper, ainda não foi confirmada.



Mano Brown: “As pessoas que são de direita estão nas ruas. Nós vamos ter que dialogar com esses eleitores”.

**PEDRO DIMITROW**

De todos os nomes anunciados até o momento, o que causou maior furor foi o de Holiday. Jovem negro de direita, o vereador já fez críticas a amigos de Brown, [como o rapper Emicida](#), e mantém posicionamento político contrário ao do líder dos Racionais. “É um cara polêmico. Discordo de algumas coisas que ele pensa. É um cara que ninguém queria ouvir e isso me interessa, por mais que eu discorde. Ele é uma inteligência negra emergente, embora acredite que ele esteja equivocado em suas escolhas políticas”, avaliou Brown.

Ao EL PAÍS Holiday afirmou que o rapper foi “justo e democrático” ao longo da entrevista. “O foco da conversa foram os meus posicionamentos [relativos](#) à política, à cultura, à política social, ao combate ao racismo. Foi uma das

“Pude conhecer melhor a história que impacta na formação dos seus povos para que eu entendesse e mudasse minha opinião sobre ele”, completou. “Assim, acredito que a conversa serviu para que eu me expresso, por vezes [tacanha](#)”.

A conversa com Holiday faz parte de um movimento a ser feito em um Brasil fragmentado. “As [pessoas que são de direita estão nas ruas](#), praticando o que pensam. Não é deixando de falar com elas que isso vai deixar de existir. Nós vamos ter que dialogar com esses eleitores”, diz o artista. “Quem foi que votou no Bolsonaro? Essas pessoas estão aí, algumas escondidas. Mas elas continuam pensando da mesma forma, ainda que Bolsonaro possa ter sido uma deceção. Esse eleitorado não é uma massa que pode ser desprezada e desconsiderada.”

No polo oposto, o pastor Henrique Vieira, filiado ao [PSOL](#) e cuja candidatura a cargos eletivos é sempre especulada, sobretudo no Rio de Janeiro, definiu Brown como alguém com “sensibilidade crítica” e “multiplicidade de temas”. “Foi uma experiência instigante, fora da caixa, do padrão. Ele nos tira de um lugar cômodo e vai provocando pensamentos cada vez mais ampliados”, disse Vieira ao EL PAÍS.

A religião esteve presente nos estudos de Brown ao longo da pandemia e apareceram com força no podcast. “[Onde estão os negros da Bíblia?](#) Por onde andou Jesus dos 12 aos 32 anos? Quem foi Cam? Falei disso com o Henrique Vieira. São temas que muitos religiosos não dominam completamente”, disse Brown, que valoriza a troca de ideias, mas há posições inegociáveis. “Há temas que não tem como se acovardar. Não estou fechado para novos entendimentos, mas tenho meus posicionamentos.”

## Uma geração diferenciada

[ASSINE](#)

# EL PAÍS

opinião, sobretudo naquele momento de treva, onde a raça negra era sufocada e só aparecia nas páginas de *estrada e Fim de semana no parque*, que remetem ao dinheiro farto e na cena atual do rap. Essa mudança no cenário musical impactou a formação de novos artistas, com aspirações distintas da geração de Brown, com destaque para Djonga, Emicida, Rincon Sapiência, BK, entre outros.

A situação começou a mudar em *dia após o outro dia*, álbum que a banda, mas também da vida na pista de dança, que remetem ao dinheiro farto e na cena atual do rap. Essa mudança no cenário musical impactou a formação de novos artistas, com aspirações distintas da geração de Brown, com destaque para Djonga, Emicida, Rincon Sapiência, BK, entre outros.

“O Brasil tem algo histórico. Toda vez que um negro começa a alcançar a liberdade, alguém grita ‘Pega!’. Às vezes o próprio negro avisa o sistema. Tem gente que não gosta de ver o preto rico no Brasil”, diz ele. Em sua visão, o Brasil aceita que negro possa ter dinheiro, desde que se mantenha dentro do quadrado, que sirva ao sistema. “O problema é quando ele sai desse quadrado. E essa geração atual do rap não quer ser subserviente ao sistema. Eles chegam e tomam tudo. Emicida, por exemplo, está dando aula em Portugal. É sobre isso”, disse Brown.

Essa mudança histórica alcança também a sociedade como um todo, garante o rapper. “A gente vive um momento diferente de inteligências negras, que conseguiram driblar essa asfixia. O que era importante em 1960 deixou de ser relevante em 1988, quando eu comecei. O Brasil era uma fazenda e hoje são quase 220 milhões de habitantes. A perspectiva mudou”, avalia. A mudança passa pela juventude atual que quer chegar muito mais longe do que a sua geração, “que lutava por direitos básicos: comer, uma roupa para vestir e um ônibus. Eu andava um quilômetro para pegar um ônibus. Essa resenha não cabe mais para a molecada atual”, salientou.

**Apoie nosso jornalismo. Assine o EL PAÍS clicando aqui**

Indique os amigos para receber o newsletter diária do EL PAÍS Brasil.



**Trapua Santana: Os brancos cometem** ×



## Para entender Villa-Lobos é preciso subir o morro

CHEMA GARCÍA MARTÍNEZ

---

### ARQUIVADO EM

---

Brasil · América · Rap · Músicos · Podcast · Cultura · Racismo · Desigualdade social · Desigualdade econômica · Cantores · Indústria discográfica · Discos música · Bandas · Violência policial · Política · Jair Bolsonaro · Eleições Brasil 2022

---

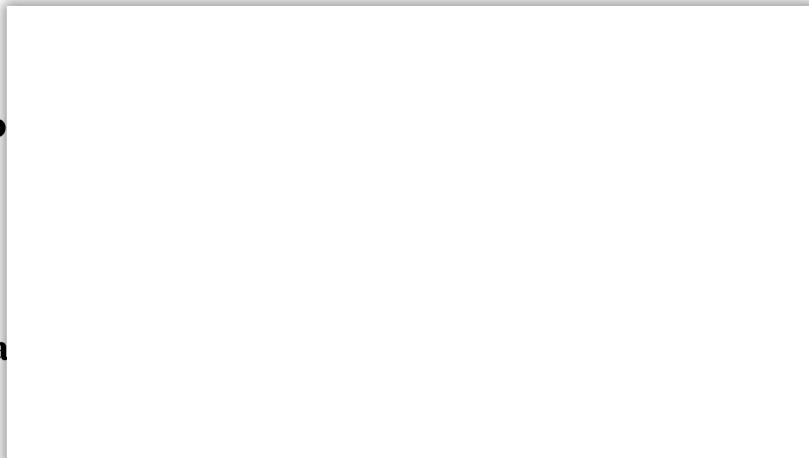
Adere a

Mais informações ›

 The Trust Project

---

Se você estiver interessado em licenciar este conteúdo, favor contatar [ventacontenidos@prisamedia.com](mailto:ventacontenidos@prisamedia.com)

**ZENITH LOTES |****20 filmes que são tão bons que são****VIDA BRILHANTE |****Kit com 6 camisas jeans masculina****ATACADO BRÁS |****CONTENIDO PATROCINADO****Os tênis masculinos que aliviam as dores nos pés****TÊNIS POTENZA |****Roberta Close já tem 59, tente não sorrir ao ver como ela está agora****AFTERNOON EDITION |****Chega ao Brasil tênis italiano mais confortável do mundo****TÊNIS ITALIANO DE COURO |****NEWSLETTERS****Receba o boletim do EL PAÍS América****O MAIS VISTO****1. O suicídio de Hitler e os 75 anos do tiro mais importante da Segunda Guerra Mundial**

# EL PAÍS

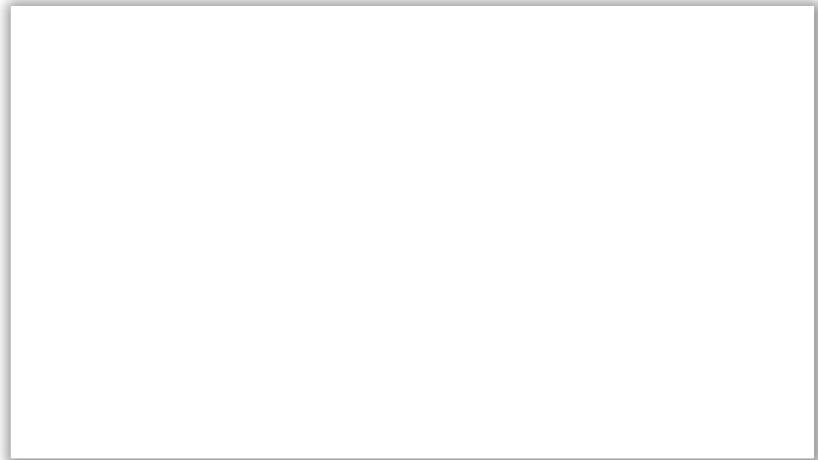
ASSINE





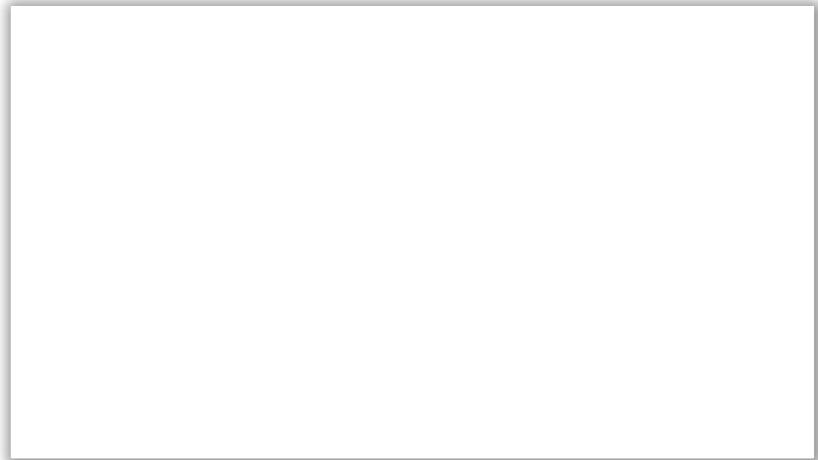
# EL PAÍS

ASSINE



# EL PAÍS

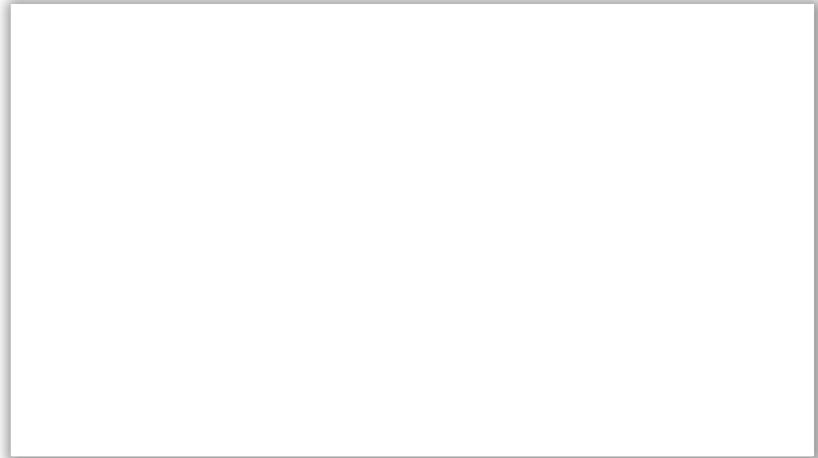
ASSINE





# EL PAÍS

ASSINE

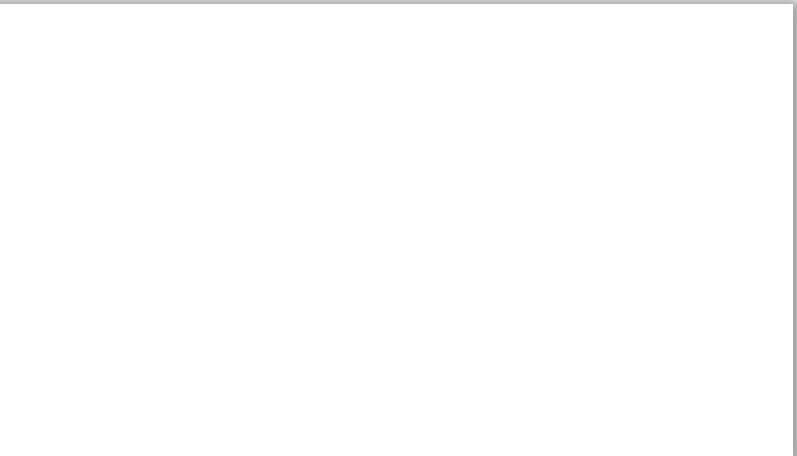




# EL PAÍS

[ASSINE](#)[Domingo de América](#)

Cada semana en tu cuenta de correo una selección de acontecimientos más relevantes del continente.

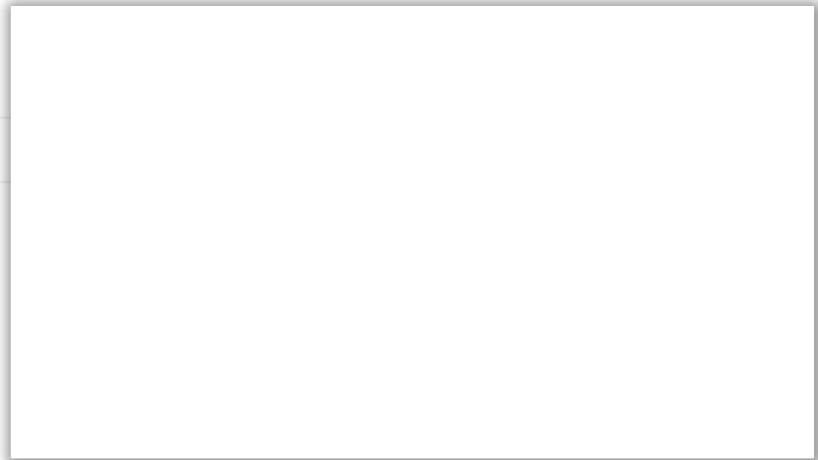
[Arquivo >](#)[Baixe o app](#)

**Si quieres apoyar la elaboración de periodismo de calidad**

[ASSINE AGORA](#)

© EDICIONES EL PAÍS







---

Emitido em 08/08/2023

**MEMORIAL ACADEMICO Nº 2/2023 - SEPROEX (11.01.02.01.04)**

**(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

*(Assinado digitalmente em 08/08/2023 14:58 )*  
HAMILTON RICHARD ALEXANDRINO FERREIRA  
DOS SANTOS  
*PRO-REITOR(A) - TITULAR*  
*PROEX (11.01.02.01)*  
*Matrícula: ####269#3*

*(Assinado digitalmente em 08/08/2023 14:42 )*  
LUCIANA ROSA BATISTA  
*FUNÇÃO INDEFINIDA*  
*SEPROEX (11.01.02.01.04)*  
*Matrícula: ####705#9*

Visualize o documento original em <https://sig.ufsb.edu.br/documentos/> informando seu número: **2**, ano: **2023**, tipo: **MEMORIAL ACADEMICO**, data de emissão: **08/08/2023** e o código de verificação: **77878751af**



---

Emitido em 09/08/2023

**MEMORIAL ACADEMICO Nº 3/2023 - GB (11.01.15)**

**(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

*(Assinado digitalmente em 09/08/2023 15:14 )*

RENATA COELHO SANTOS ALVES  
*COORDENADOR - TITULAR*  
*CADMR (11.01.15.07)*  
*Matrícula: ####418#6*

Visualize o documento original em <https://sig.ufsb.edu.br/documentos/> informando seu número: 3, ano: 2023, tipo: **MEMORIAL ACADEMICO**, data de emissão: 09/08/2023 e o código de verificação: **db84ce2000**